DOCUMENTOS COMPILADOS PELA EDITORA

A REPÚBLICA MAÇÔNICA

OU

COMO PRODUZIR A CORRUPÇÃO UNIVERSAL

SEGUIDO DOS TEXTOS DO MAGISTÉRIO CATÓLICO CONDENANDO A MAÇONARIA

SANTA CRUZ

A REPÚBLICA MAÇÔNICA

OU

COMO PRODUZIR A CORRUPÇÃO UNIVERSAL

DOCUMENTOS COMPILADOS PELA EDITORA

A REPÚBLICA MAÇÔNICA

OU

COMO PRODUZIR A CORRUPÇÃO UNIVERSAL

SEGUIDO DOS TEXTOS DO MAGISTÉRIO CATÓLICO CONDENANDO A MAÇONARIA

SANTA CRUZ

CAPA
Os Sete Pecados Capitais ou Os Sete Pecados Mortais e os Quatro Novíssimos do Homem, Hieronymus Bosch, 1500-1520. Localizada no Museu del Prado, Madri, Espanha.

Agradecemos de forma particular a todos aqueles que fizeram parte deste projeto. Estes preferiram manter-se anônimos.

Santa Cruz – Editora & Livraria
www.stacruzartigoscatolicos.com.b r

Vários Autores - Textos do Magistério Católico

A República Maçônica ou Como Produzir a Corrupção Universal / Documentos Compilados pela Editora. - 1ª Ed. - São Caetano do Sul - SP: Santa Cruz Editora e Livraria, 2016.

148 p

ISBN: 978-85-5932-000-8

1. Cristianismo. Religião. 2. Obras críticas.

I. Título

CDD: 230

CDU: 2-27

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

ÍNDICE

Introdução	**7**
A Maçonaria	**11**
O Carbonarismo e a Alta Venda	**15**
Conhecendo a Alta Venda	**25**
Instrução Secreta e Permanente da Alta da Venda	**33**
Instruções sobre os Meios de Recrutar Novos Maçons	**43**
Quem é o Nosso Chefe?	**49**
Novos Planos da Alta Venda	**51**
Escrúpulos da Alta Venda	**55**
O Fracasso da Alta Venda	**59**
Últimas Esperanças da Alta Venda	**63**
Documentos Pontifícios sobre a Maçonaria	**67**
Constituição "*In Eminenti Apostolatus Specula*", de Clemente XII	**69**
Constituição "*Provida Romanorum Pontificum*", de Bento XIV	**73**
Constituição "*Ecclesiam a Jesu Christo*", de Pio VII	**79**
Constituição "*Quo Graviora Mala*", de Leão XII	**87**
Encíclica "*Traditi Humilitati Nostrae*", de Pio VIII	**91**

Alocução “*Multiplices Inter Machinationes*”, de Pio IX	**101**
Carta “*Quamquam Dolores*”, a Dom Frei Vital, de Pio IX	**105**
Carta “*Exortae In Ista*” sobre a Maçonaria no Brasil, de Pio IX	**111**
Encíclica “*Humanum Genus*”, de Leão XIII	**117**

INTRODUÇÃO

Esta obra é uma síntese em três partes.

A primeira é uma adaptação do capítulo XXIII do livro *A Conjuração Anticristã* (Capítulo XXIII: As Lojas e a Alta Venda) por Mons. Henri Delassus. A razão de introduzir este apanhado tem como finalidade situar o leitor na constituição de duas das mais tenebrosas lojas maçônicas dos inícios do século XIX, menos por sua natureza diabólica do que pela realização dos seus métodos. O que veremos na segunda parte.

No segundo apanhado estão documentos que procedem todos eles da Suprema Alta Venda. Era um grupo escolhido de 40 homens, dirigidos por um distinto senhor dos meios diplomáticos de Roma e que se escondeu sob o nome de “Nubius”. Quando em 1846 faleceu um dos membros da Alta Venda, estes documentos foram apreendidos pela polícia dos Estados Pontifícios. Nos primeiros dias de Março de 1846 o Papa Gregório XVI entregou-os pessoalmente a Crétineau-Joly, que mais tarde os publicou, com a expressa aprovação de Pio IX, na obra *L'Église Romaine en face de la Révolution*. Depois foram publicados mais uma vez por Mons. Henri Delassus, em *La Conjuration Antichrétienne*, tom. III, pp. 1035-1093. Justifica-se a publicação destes documentos por seu extraordinário valor intrínseco, revelando-se aí o verdadeiro espírito maçônico, sem símbolos e sem palavras veladas ou genéricas.

Muitos talvez terminem a leitura das instruções secretas, depois de uma consideração retrospectiva dos acontecimentos, reduzindo-as a elucubrações diabólicas, sem mais interesse do que uma história superada e inofensiva, uma vez que igualmente a Maçonaria perdeu a sua influência. No entanto, os objetivos das Lojas não somente foram alcançados, mas largamente realizados.

Antes se pretendia: *“O essencial é isolar o homem de sua família, fazer-lhe perder os costumes dela. Pelo pendor do seu caráter, ele é disposto a*

fugir dos cuidados do lar, a correr atrás de prazeres fáceis e de alegrias proibidas. (...) Arrastai-o, subtraí-o, dai-lhe uma importância qualquer; ensinai-o discretamente a aborrecer-se dos seus trabalhos diários, e, por esse manejo, depois de o separardes da mulher e dos filhos, e de lhe mostrardes quanto são penosos todos os deveres, inculcar-lhes-eis o desejo de outra existência. (...) Quando houverdes insinuado em algumas almas o tédio da família e da religião (quase sempre um segue o outro), deixai cair certas palavras que provoquem o desejo de ser filiado à Loja mais próxima. Essa vaidade do citadino ou do burguês, de enfeudar-se à Franco-Maçonaria tem algo de tão banal e de tão universal, que eu pasmo da estupidez humana. (...) Ver-se membro de uma Loja, sentir-se, longe da mulher e dos filhos, chamado a guardar um segredo que nunca vos confiam, é para certas naturezas uma volúpia e uma ambição. Bem podem as Lojas, hoje em dia, procriar glutões: jamais procriarão cidadãos".

E agora, sem que sejam afiliados à Maçonaria, os homens todos foram isolados de suas famílias; a casa é a Loja. O ritual de iniciação um toque, não entre mãos. E os princípios maçônicos a crônica eletrônica doméstica. Uns aborrecidos com os outros, aborrecidos de suas tarefas e deveres. Deseja-se outra existência, diversões eletrônicas. Tédio da família, da religião. Um segredo guardado entre todos onde ficam exacerbadas a volúpia e a ambição.

Creio que não nos enganamos nestas afirmações. E para que não reste dúvida quanto a exatidão do que falamos e pela gravidade do que se passa, leiamos:

"O catolicismo tem tanto medo de um estilete bem afiado quanto a monarquia; mas essas duas bases da ordem social podem vir abaixo sob o peso da corrupção; jamais nos cansemos de corromper. Tertuliano dizia com razão que o sangue dos mártires concebia cristãos. Está decidido nos conselhos que não queremos mais mártires; portanto, não façamos mártires, mas popularizemos o vício nas multidões. Que elas os respirem pelos cinco sentidos, que elas o bebam, que elas se saturem dele. ***Promovei corações viciosos e não tereis mais católicos.*** *(...) Considerai bem a República e o espetáculo que ela oferece. Ela sofreu sobretudo uma dominação, a dominação maçônica. Aonde essa dominação a levou? A uma transformação política e social? Não. Ter-nos-ia ela dado pelo menos a liberdade? Muito menos. Mas qual é então a obra da república maçônica?*

Uma obra de pura depravação. Pornografia do livro, do teatro, dos salões, do jornal. Todo esse mundo e todas essas coisas, e muitas outras, conspiram em favor de quem levará mais longe a corrupção universal”.

(A Conjuração Anticristã, Mons. Henri Delassus)

No terceiro apanhado publicam-se todos os documentos pontifícios concernentes à Maçonaria: Em suas vigilantes solicitudes pela salvação do povo cristão, os Papas (falava aqui Leão XIII) bem depressa reconheceram esse inimigo capital no momento em que, saindo das trevas de uma conspiração oculta, se lançava ao assalto em pleno dia. Sabendo o que ele era, o que queria, e lendo por assim dizer no futuro, eles deram aos príncipes e aos povos o sinal de alarma, e os alertaram contra os embustes e os artifícios preparados para surpreendê-los. O intuito fundamental e o espírito da seita maçônica tinha sido posto em plena luz pela manifestação evidente dos seus modos de agir, pelo conhecimento dos seus princípios, pela exposição das suas regras, dos seus ritos e dos seus comentários, aos quais, mais de uma vez, se haviam juntado os testemunhos dos seus próprios adeptos. Em presença desses fatos, simplíssimo era que esta Sé Apostólica denunciasse publicamente a seita dos maçons como uma associação criminosa, não menos perniciosa aos interesses do cristianismo do que aos da sociedade civil. Decretou, pois, contra ela as penas mais graves com que a Igreja costuma fulminar os culpados, e proibiu filiar-se a ela.

Dê-nos Nosso Senhor Jesus Cristo a sua Graça e com ela a constância no exercício das virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade, para que enfrentemos a obstinação de tão encarniçado inimigo. “Lutemos, e Deus dará a vitória”! (Santa Joana D'arc). Porque o verdadeiro anti-liberal é o santo.

Os Editores

A MAÇONARIA

A maçonaria é cosmopolita. Ela arma conspirações e age contra a Igreja em todos os países. Ela jurou aniquilá-la completamente e, por conseguinte, por toda a parte. Mas se ela está presente e agindo em todos os pontos do universo, ela não se conduz em toda a parte da mesma maneira: ela tem estabelecidos seus centros de direção e seus teatros de operação.

Os centros de direção estão dissimulados nos países protestantes. Aí se encontram os mais secretos refúgios da seita, aí se preparam as revoluções que devem explodir em outra parte. Os teatros de operação são ordinariamente os países católicos, particularmente a França, Espanha, Portugal, numa palavra, os países latinos mais impregnados da civilização cristã; é contra eles que a maçonaria internacional sempre tem assestado suas mais formidáveis baterias[1].

Com relação à época de que iremos nos ocupar, é na Itália que ela agita, e seus principais instrumentos são o Carbonarismo e a Alta Venda, à qual foi dada a missão outrora confiada ao Iluminismo.

O Carbonarismo foi uma sociedade mais secreta na associação secreta da maçonaria. “A Franco-Maçonaria é um edifício maquilado que, deliberadamente, deixa ver aos profanos uma fachada estranha e hipócrita, e que abre aos I∴ os apartamentos, cujas centenas de portas, mais ou menos dissimuladas na parede, permanecem perpetuamente fechadas” (Copin-Albancelli).

De tal sorte que existem duas maçonarias:

1ª — Aquela que nos permitem ver, porque não podem fazer diferentemente, e que se manifestam através de templos próprios, boletins, revistas, até mesmo dos volumes sabiamente preparados, festas e convenções, por uma organização puramente administrativa de lojas, conselhos e obediências.

2ª — Aquela que é cuidadosamente escondida, não somente aos profanos, mas também à grande maioria dos afiliados. É do caráter particular da Franco-Maçonaria não ser uma única associação, mas várias associações, organizadas pela superposição de grupos, dos quais os superiores constituem verdadeiras sociedades secretas para os inferiores.

O Carbonarismo, um desses grupos superiores às lojas, foi criado para trabalhar pela derrubada de todos os tronos e, sobretudo pelo aniquilamento do poder pontifício, arco de abóbada da ordem social. A Alta Venda foi, dentro do Carbonarismo, uma sociedade mais secreta ainda, recebendo instruções mais misteriosas e mais precisas para dirigir os esforços do Carbonarismo e da Maçonaria e fazê-los convergir para o fim que acabamos de assinalar.

Nas sociedades católicas, tais quais a sabedoria dos séculos e o espírito do Evangelho as constituíram, as relações estabelecidas entre o poder civil e o poder religioso para o bem do povo faziam com que a autoridade temporal representasse para o catolicismo e para a ideia cristã uma primeira muralha. Assim, destruí-la, matando os reis e quebrando seus tronos, foi a primeira obra empreendida pela Franco-Maçonaria. Sabemos em que dia e através de quais conspiradores foi decretada a morte de Luís XVI. O assassinato do duque d'Enghien e do duque de Berry, que se lhe seguiram, a conspiração permanente das sociedades secretas contra os Bourbons da França, Espanha, Portugal, Nápoles e Parma, em todos os lugares encerrada com a expulsão deles através de ondas de sangue e das mais ignóbeis traições, não podem deixar nenhuma dúvida sobre o sentido da divisa maçônica: *Lilia pedibus destrue*[2]; e, como diz Deschamps, constituirá eterno louvor da mais antiga, da mais gloriosa, da mais paternal das estirpes reais terem sido escolhidas como primeiro objetivo na derrubada da religião e da sociedade pelos fanáticos celerados que, sob o nome de maçons, de carbonários, juraram destruí-la.

Derrubar os tronos foi a obra mais particularmente destinada aos Carbonários. À Alta Venda foi dada a de fazer desaparecer o poder temporal dos Papas e aqueloutra, ainda mais audaciosa e mais inacreditável, de corromper a Igreja Católica nos Seus membros, nos Seus costumes e mesmo nos Seus dogmas.

O CARBONARISMO E A ALTA VENDA

Carbonários, Venda ou Loja[3]: esses nomes estranhos foram adotados para melhor esconderem a conspiração; os conspiradores se apresentaram como sócios de um comércio de carvão[4]. As lojas eram de três classes ou de três graus: as lojas particulares, as lojas centrais e a Alta Venda.

A Alta Venda era composta por quarenta membros. Ela se auto recrutava e exercia sobre todo o Carbonarismo uma autoridade sem limite e sem controle. Quando a criação de uma loja era julgada útil, dois membros da Alta Venda se dirigiam a um carbonário, membro de uma loja particular, que entendiam ser próprio para esse desígnio, e, sem dar-lhe a conhecer que pertenciam a uma sociedade ainda mais secreta, propunham-lhe a organização de uma loja superior àquela de que ele já fazia parte.

Da mesma forma, para formar uma loja particular, dois membros de uma loja central escolhiam um franco-maçom cujo caráter, posição social e grau de iniciação podiam garantir à loja a influência pretendida. Sem dar a conhecer o que eles próprios eram, propunham-lhe simplesmente formar, com ele e alguns outros maçons a serem recrutados, uma associação de ordem superior à Franco-Maçonaria. Lojas particulares, em número ilimitado, eram assim ligadas a uma loja central por dois de seus membros, que elas não sabiam estar relacionados a uma associação superior a elas; e as lojas centrais, também em número ilimitado, estavam ligadas da mesma maneira à Alta Venda que governava o todo sem ser percebida em nenhum lugar[5].

As sociedades secretas eram assim constituídas em forma de pirâmide humana, cujo centro era ocupado pelos carbonários; a base, pelas lojas; o ápice pela Alta Venda. Todos os pensamentos, todos os movimentos eram determinados por uma sugestão que penetrava na massa, mas que não era

claramente consciente senão no ápice, de onde descia para as regiões inferiores.

L. Blanc, após ter louvado a admirável elasticidade dessa organização, ensina-nos que foi proibido a todo carbonário pertencente a uma loja introduzir-se em outra loja. “Essa proibição era sancionada com a pena de morte”. Sem embargo, a Alta Venda, assim como as lojas inferiores, não era dona dela mesma: ela recebia suas diretrizes de um Comitê superior, cuja existência ela conhecia, pois era por ele dirigido, ignorando, porém onde ficava sua sede e quem eram seus integrantes.

As lojas centrais, e com muito mais razão as lojas particulares, encontravam-se na mesma situação relativamente à Alta Venda. Elas recebiam instruções, palavras de ordem, sem saber de onde nem de quem vinham.

O Carbonarismo era justamente chamado por L. Blanc “a parte militante da Franco-Maçonaria”[6]. Ele também diz, e podemos estar certos disso, que ela foi como organização, “algo de poderoso e de maravilhoso”.

Vejamos agora, segundo Alfred Nettement, como o Carbonarismo foi introduzido na França.

Três jovens, Dugled, Beslay e Joubert, que tiveram de se exilar da França após a conspiração de 19 de agosto de 1821, foram admitidos em uma das lojas do Carbonarismo em Nápoles. Lá eles estudaram a prática das revoluções e em particular o mecanismo do Carbonarismo. Quando retornaram à França, organizaram uma reunião de íntimos naquela loja dos *Amigos da Verdade*.

Deram a conhecer então o engenhoso e temido funcionamento dessas lojas, que trabalham na sombra, sem se conhecerem, para uma obra comum, e que estão relacionadas de uma maneira misteriosa com o poder supremo, do qual vem a diretriz.

Após tê-los ouvido, os *Amigos da Verdade* concordaram que cada membro presente estabeleceria uma loja[7]. Quando essas lojas se tornaram suficientemente numerosas, foi constituído um conselho diretor. Fazia parte dele La Fayette, deputado de Sarthe; seu filho Georges, deputado do Alto Reno; Manuel, deputado da Vandéia; Voyer-d’Argenson, deputado do Alto

Reno; de Corcelles, pai, deputado do Reno; Dupont, deputado do Eure; Jacques Koeclin, deputado do Alto Reno; Beauséjour, deputado de Charente-Inférieure de 1819 a 1820. Os membros não-deputados eram o barão de Schoen, Mauguier, Barthe, Mérilhou e o coronel Fabvier. Foi esse conselho diretor, foram esses puros patriotas que organizaram as conspirações militares de Belfort, de Saumur e de La Rochelle[8]. Com efeito, esse conselho deu aos seus afiliados uma organização militar e determinou que cada um deles tivesse um fuzil e cinquenta cartuchos.

O mistério no qual o Carbonarismo se escondia hoje está rompido. Os papéis da Alta Venda, que constituía o seu coroamento, acabaram em poder da Santa Sé no pontificado de Leão XII, o qual mandou depositá-los nos arquivos do Vaticano. Como eles chegaram lá? Teria sido através da conversão de um dos conjurados? Por um golpe de sorte da polícia romana? Não se sabe. Como dali chegaram ao conhecimento do público, pelo menos o bastante para que se saiba qual foi a organização da Alta Venda, a tarefa que lhe foi atribuída e os meios que ela empregou para cumprir sua missão? É o que veremos agora.

Os Papas sempre mantiveram vigilância sobre a Franco-Maçonaria. Desde suas primeiras manifestações eles se apressaram em advertir os reis e os povos acerca da sua existência, dos seus projetos, das suas intrigas, e isto através de solenes encíclicas. No final de seu pontificado, o Papa Gregório XVI, assustado com o redobramento da atividade que ele percebia nas sociedades secretas, e vendo o perigo que suas maquinações representavam para a sociedade civil e para a sociedade religiosa, quis, poucos dias antes de sua morte, mostrá-los a toda a Europa.

Para tanto, ele lançou os olhos sobre Crétineau-Joly. No dia 20 de março de 1846 ele lhe escreveu, por intermédio do cardeal Lambruschini, para que viesse a Roma, em razão de um projeto de alta importância. O historiador da Companhia de Jesus ia embarcar para Ancona, em viagem ao Oriente. Renunciou à viagem e entregou-se imediatamente ao apelo do Santo Padre. Gregório XVI pediu-lhe que escrevesse a *História das Sociedades Secretas e Suas Consequências*. Para esse trabalho encaminhou-lhe, através do cardeal Bernetti, antigo secretário de Estado, os documentos em seu poder, e acreditou-o junto às Cortes de Viena e de Nápoles, para que delas obtivesse outros documentos depositados em seus arquivos secretos.

Crétineau-Joly apresentou-se inicialmente em Nápoles, onde soube, pela boca do rei, da morte do Papa. Pio IX sucedeu a Gregório XVI e confirmou ao historiador a missão que recebera de seu predecessor. Ele partiu para Viena, onde recebeu boa acolhida do príncipe de Metternich. Mas os empregados da chancelaria austríaca, por instinto revolucionário ou por outro motivo, não se prestaram senão a contragosto às suas pesquisas. No entanto, o conde Henri de Bombelles, de origem francesa e preceptor do jovem arquiduque, mais tarde imperador Francisco José, tendo sabido do motivo de sua estada em Viena, ofereceu-lhe seus serviços. Em toda a sua carreira diplomática ele se tinha ocupado com as sociedades secretas, que vira em atividade na Itália, Polônia, Rússia. Revelou ao historiador, com documentos, conspirações de tal natureza que pôde dizer: “Ousai divulgar esses mistérios. Será o maior serviço que talvez jamais tenha sido prestado à civilização. Mas não ireis até o fim. Se o punhal dos carbonários não vos cortar o caminho, estejais certo de que haverá príncipes interessados em vos condenar ao silêncio”.

O primeiro desses príncipes foi Carlos Alberto, rei da Sardenha, que, por ambição, se entregara, desde a juventude, às sociedades secretas. Crétineau-Joly narra em suas *Mémoires*, publicadas em parte pelo abade Maynard — foi aí que buscamos essas informações — a entrevista tão secreta quanto dramática que teve em Gênova com o rei a instantes pedidos deste. Crétineau não lhe quis prometer o silêncio pedido. Então o rei dirigiu-se ao Papa. Pio IX tinha pressa em conhecer os materiais recolhidos e mandara dizer ao historiador para retornar a Roma o mais cedo possível. Quando recebeu a carta do rei, o Papa ficou abalado. Nesse ínterim, ele disse a Crétineau para ir a Nápoles. Em Nápoles, ele melindrou um carbonário de nome de Cocle, que tinha todo o poder sobre o espírito do rei. Ele entrara nas ordens, fizera-se mesmo religioso, e ganhara a confiança do rei a ponto de ter-se tornado seu confessor.

Por instigação deste, Ferdinando também escreveu ao Papa. De uma nota enviada no dia 4 de dezembro de 1857 ao cardeal Antonelli resulta que, no dia 21 de dezembro de 1846, Crétineau foi recebido em audiência por Pio IX. O Papa disse-lhe que sua caridade de pai e seu dever de príncipe se opunham à publicação de uma história que, nas circunstâncias presentes, podia oferecer mais de um perigo. Crétineau se submeteu.

Em 1849, enquanto o Papa estava em Gaeta, o cardeal Fornari, núncio em Paris, exortou o historiador a retomar seu trabalho, e mostrou-lhe um despacho do cardeal Antonelli dizendo que o Papa não havia proibido que escrevesse a *História das Sociedades Secretas*, que somente havia julgado inoportuna a publicação em 1846 e 1847; mas que, em vista da mudança das circunstâncias, ele acreditava ser útil agora dar prosseguimento à obra.

Crétineau se pôs de novo ao trabalho. Ainda uma vez ele foi tirado de seu trabalho por uma carta de monsenhor Garibaldi, que lhe dizia não ser possível, após o serviço prestado em 1850 à Santa Sé pelo governo de Luís Bonaparte, dar livre curso a um livro no qual esse discípulo das sociedades secretas seria apresentado como tal.

A obra estava quase terminada, impressa já em parte; o abade Maynard disse ter visto as provas tipográficas. Indignado, Crétineau jogou-a no fogo. A *História das Sociedades Secretas*, que teria projetado luz nas próprias profundezas das revoluções que agitam a Europa, estava destruída.

No entanto, muitos dos documentos que tinham servido para escrevê-la, ou cópias desses documentos, permaneceram em poder do historiador. Alguns ele introduziu na *Histoire du Sonderbund*, e outros no livro intitulado *L'Église Romaine en face de la Révolution*. No primeiro, Crétineau-Joly foi injusto e mesmo cruel em suas expressões a respeito de Pio IX, relativamente à conduta que o Pontífice acreditara dever adotar nesse lamentável caso. A grande alma de Pio IX perdoou-lhe. E quando, em outubro de 1858, o historiador foi a Roma, levando a segunda obra, parte em provas tipográficas, parte manuscrita, teve a felicidade de vê-la lida, aprovada e aplaudida pelo Vaticano. Após a publicação, monsenhor Fioramonti, Secretário das Línguas Latinas, declarou oficialmente que todas as peças nela transcritas eram autênticas e que ele as havia confrontado com os textos. Depois, Pio IX endereçou ao historiador, por ocasião da 2ª edição do livro, um Breve no qual diz: "Querido Filho, adquiristes direitos particulares ao nosso reconhecimento, quando, há dois anos, formastes o plano de compor uma obra recentemente terminada e novamente reeditada, para mostrar, através de documentos, esta Igreja Romana sempre como

escopo da inveja e do ódio dos maus, em meio a revoluções políticas do nosso século, sempre triunfantes" (25 de fevereiro de 1861).

Dúvidas foram lançadas sobre a lealdade histórica de Crétineau-Joly. Não temos que examiná-las aqui. A declaração do Secretário das Línguas Latinas e o Breve de Pio IX, impressos no início da obra, em pleno reinado do Santo Pontífice, constituem para nós garantia da inteira fidelidade dos documentos inseridos no livro *L'Église Romaine en face de la Révolution*.

Não é, pois, sem razão que Claudio Janet disse desse livro, na sua introdução à obra do padre Deschamps, *Les Sociétés Secrètes et la Société:* "Nenhum documento histórico oferece tantas garantias de autenticidade" (p. CVI). Se precisássemos de uma nova prova de sinceridade, encontrá-la-íamos no uso que o *Civiltà Cattolica* fez desses documentos, sob a vista do Papa, em 1879. Podemos acrescentar ainda que L. Blanc fez constar de sua *Histoire de Dix Ans*, cartas de um dos membros da Alta Venda, Menotti, endereçadas em 29 de dezembro de 1830 e 12 de julho de 1831, a um de seus irmãos de conjuração, Misley[9], e publicadas por Crétineau-Joly.

Os documentos incluídos por ele em *L'Église Romaine en face de la Révolution*, são as Instruções Secretas dadas à Alta Venda, e algumas das cartas que os membros dessa Loja trocaram entre si. Nada pode melhor desvendar a constituição da Franco-Maçonaria, sua maneira de agir, o objetivo que ela busca e os meios que ela emprega para alcançá-lo, tanto hoje em dia quanto em 1820.

Metternich, que na sua correspondência fala repetidas vezes da ação direta exercida pela Alta Venda sobre todos os movimentos revolucionários da época, diz, numa carta endereçada, em 24 de junho de 1832, a Newman, em Londres, que a Alta Venda é a continuação da associação dos iluministas, "que adotou, sucessivamente, segundo as circunstâncias e as necessidades do tempo, as denominações de Tugendbund, Burschenschaft, etc." Seguramente, ninguém poderia estar mais bem informado do que ele.

As sociedades secretas do Iluminismo e da Alta Venda perpetuaram-se até nossos dias, após terem adotado outras formas e outros nomes? Quem poderia dizê-lo, mesmo entre os franco-maçons, mesmo entre os Grandes Orientes? Mas, como poderemos nos certificar, o que se passa sob nossos olhos é evidentemente a continuação do que foi feito nos dois períodos precedentes.

CONHECENDO A ALTA VENDA

A Alta Venda foi composta apenas por quarenta membros, todos escondidos, na correspondência que trocavam entre si, sob pseudônimos. “Por respeito às altas conveniências, diz Crétineau-Joly, não queremos violar esses pseudônimos, hoje protegidos pelo arrependimento ou pelo túmulo. A história será talvez um dia menos indulgente do que a Igreja”.

Dá-se que esses conjurados constituíam, na sua maior parte, a elite do patriciado romano, por nascimento ou por riquezas, e a do Carbonarismo, pelo talento ou pelo ódio anti-religioso. Alguns, como veremos, eram judeus. Era necessário que o judaísmo estivesse representado entre eles. Eckert, Gougenot-Desmousseaux, d’Israeli, estão de acordo em afirmar que os judeus são os verdadeiros inspiradores de tudo o que a Franco-Maçonaria concebe e executa, e que eles sempre estão em maioria no Conselho superior das sociedades secretas.

O chefe dos quarenta adotara o nome de Nubius, o homem das trevas e do mistério. Era um grande senhor, que ocupava em Roma uma elevada posição na diplomacia, o que o colocava nas relações dos cardeais e de toda a aristocracia romana.

Quando a criação da Alta Venda foi decidida pelo supremo Conselho, ele já estava designado para assumir a sua direção. Ele não tinha ainda completado trinta anos, e já as lojas da Itália, da França e da Alemanha sabiam-no destinado a grandes coisas. “Ele está aqui, ele está lá, diz Crétineau-Joly, temperando ou reacendendo o zelo, organizando, em cada lugar, uma conspiração permanente contra a Santa Sé, ora sob uma denominação, ora sob outra”. A missão que o Conselho supremo queria confiar à Alta Venda era precisamente preparar o assalto final ao Soberano Pontificado. Nubius dera testemunho de ter compreendido que a Franco-Maçonaria não era outra coisa que a contra-Igreja, a Igreja de Satã, e que, para fazê-la triunfar sobre a Igreja de Deus, era preciso atacá-la na sua cabeça. Foi o que fez com que convergissem sobre ele os olhares, para a realização dos desígnios que projetavam.

Eis o retrato que dele faz Crétineau-Joly:

“Nubius recebeu do Céu todos os dons que criam o prestígio em torno dele. É bonito, rico, eloquente, pródigo de suas riquezas como de sua vida; tem clientes e aduladores. Está na idade das imprudências e das exaltações, mas impõe à sua razão e ao seu coração tal papel de hipocrisia e de audácia, e o desempenha com tão profunda habilidade que hoje, quando todas as maquinações que ele comandava escaparam-lhe uma após a outra, permanecemos ainda espantados com a arte infernal desenvolvida por esse homem na sua luta contra a fé do povo. Nubius é pervertido como o inferno. Ele sorri sempre no mundo, a fim de se dar o direito de ser mais sério no seio das associações secretas que funda ou que dirige. Vê-se, pelas cartas que endereçou a membros influentes da associação oculta, que, graças ao seu nome, à sua fortuna, à sua pessoa, à sua extrema prudência em evitar toda questão irritante ou política, ele criou para si em Roma uma posição ao abrigo de toda suspeita”.

“De Paris, Buonarotti, Charles Teste, Voyer d’Argenson, Bayard, o general Lafayette, Saint-Simon, Schonen e Merilhou consultam-no como a um oráculo de Delfos. Do seio da Alemanha, de Munique, assim como de Dresde, de Berlim como de Viena ou de Petersburgo, veem-se os chefes das principais lojas, Tscharner, Heymann, Jacobi, Chodzko, Lieven, Pestel, Mouravieff, Strauss, Pallavicini, Driesten, Bem, Bathyani, Oppenheim, Klaus e Carolus perguntar-lhe o caminho a seguir em face de tal ou tal fato: e esse jovem, cuja atividade é prodigiosa, tem resposta para tudo, organizando em cada lugar uma conspiração permanente contra a Santa Sé”.

Nubius manteve o governo da loja suprema até cerca de 1844. Nessa época, fizeram-no beber a *Aqua toffana*[10]. Ele ficou doente, de uma doença que os mais célebres médicos não puderam compreender nem sustar. Esse brilhante diplomata, esse conspirador tão hábil sentiu sua inteligência obscurecer-se subitamente e sua vida extinguir-se no idiotismo. Sua agonia durou quatro anos. Ele deixou Roma e foi se esconder em Malta, onde morreu em 1848, no momento em que o trabalho dos intelectuais da seita era julgado tão avançado que a ordem de se colocarem em movimento foi dada à facção encarregada da ação.

Piccolo-Tigre (o pequeno tigre), um dos primeiros lugares-tenentes de Nubius, era judeu. “Sua atividade é infatigável, diz Crétineau; ele não para de correr o mundo para suscitar inimigos do Calvário. Ele está ora em Paris, ora em Londres, algumas vezes em Viena, frequentemente em Berlim. Em toda a parte ele deixa vestígios de sua passagem; em toda a parte ele afilia às sociedades secretas, e mesmo à Alta Venda, devotos com os quais a impiedade pode contar. Aos olhos dos governantes e da polícia, é um comerciante de ouro e de prata, um desses banqueiros cosmopolitas que não vivem senão dos negócios e se ocupam exclusivamente com o seu comércio. Visto de perto, estudado à luz de sua correspondência, esse homem é um dos mais hábeis agentes da destruição preparada. É o elo invisível, que reúne na mesma comunidade de tramas todas as corrupções secundárias que trabalham pela queda da Igreja”.

Um terceiro, Gaetano, é um rico lombardo que encontrara meio de servir à seita e de trair a Áustria tornando-se, à força da hipocrisia, o confidente e o secretário íntimo do príncipe de Metternich. Não ignoramos que os grandes ministros, os reis, os imperadores sempre têm perto deles um delegado da seita, que sabe inspirar-lhes confiança e incliná-los a favorecer, conscientemente ou não, a execução dos desígnios das sociedades secretas. Dessa elevada posição, Gaetano observa o que se passa na Europa; ele está a par dos segredos de todas as Cortes, e se corresponde, segundo as indicações do momento, com Nubius, Piccolo-Tigre, ou Volpe (a raposa), ou Vindice (o vingador), ou Beppo; numa palavra, com todos os que adotaram como empreitada, como diz Crétineau, o aniquilamento do catolicismo e o triunfo da ideia revolucionária.

Eles são apenas quarenta, mas escolhidos entre os mais inteligentes, os mais astuciosos, os que se encontram em melhor posição para exercer, não somente no mundo maçônico, mas no “mundo profano”, a mais poderosa e a mais larga influência.

Examinados e escolhidos sobre o tabuleiro, não lhes é permitido declinar da perigosa missão que lhes é dada. Iniciados, são condenados a se cobrirem de mistério, e é-lhes imposta a mais absoluta abnegação. “O sucesso de nossa obra, diz Nubius na carta na qual anuncia a Volpe que vai tomar em suas mãos o governo da loja suprema, o sucesso de nossa obra

depende do mais profundo mistério; e nas lojas nós devemos encontrar o iniciado, como o cristão da *Imitação*, sempre pronto a “querer ser desconhecido e não servir para nada”[11].

Não eram somente os personagens que compunham a Alta Venda que deviam se cobrir de trevas, mas a própria Alta Venda. Até mesmo sua existência, tudo devia permanecer ignorado das lojas, que, no entanto dela recebiam direção e impulso.

Nubius, Volpe e os outros eram acreditados pessoalmente junto a elas; elas obedeciam a uma palavra, a um sinal desses privilegiados da seita; mas tudo o que elas sabiam consistia em que era preciso executar as ordens dadas sem conhecer a origem nem a finalidade delas. Essas ordens, pelas quais era governada a Europa subterrânea, eram assim misteriosamente transmitidas, de grau em grau, até a mais distante loja.

Mazzini, alma do Carbonarismo, do qual tinham sido tirados os quarenta, não pôde penetrar esse mistério. “Pelo instinto de sua natureza profundamente viciosa, diz Crétineau-Joly, Mazzini duvidava que existisse, fora dos quadros que formavam as sociedades secretas, uma filiação particular. Ele julgou dever solicitar a honra de entrar nessa vanguarda de eleição. Não se sabe por intermédio de quem nem como ele endereçou o pedido; apenas uma carta de Nubius a um personagem conhecido na Alta Venda sob o nome de Beppo, exprime muito categoricamente a recusa que a Loja formulou: “Sabeis, ele lhe participa em 7 de abril de 1836, que Mazzini julgou-se digno de cooperar conosco na maior obra de nossos dias. A Loja suprema não decidiu dessa maneira. Mazzini tem em demasia o comportamento de um conspirador de melodrama, para que convenha ao papel obscuro que nos resignamos a representar até o triunfo. Mazzini gosta de falar de muitas coisas, sobretudo dele...; que ele fabrique, conforme o seu gosto, *jovens Itálias*, *jovens Alemanhas*, *jovens Franças*, *jovens Polônias*, *jovens Suíças*, etc., se isto pode servir de alimento a seu orgulho insaciável, não nos opomos; mas fazei-o compreender, manejando os termos segundo vossas conveniências, que a associação da qual ele fala não existe mais, se é que algum dia existiu; que vós não a conheceis, e que, no entanto, deveis declarar-lhe que, se ela existisse, ele teria tomado certamente o pior caminho para nela entrar. No caso de ser admitida a sua

existência, essa Loja está evidentemente acima de todas as outras; é a São João de Latrão[12]: *caput et mater omnium ecclesiarum.* Foram chamadas a ela apenas os únicos considerados dignos de serem aí introduzidos. Até esse dia, Mazzini teria sido excluído; não pensa ele que em se metendo no meio, à força ou por astúcia, de um segredo que não lhe pertence, ele talvez se exponha a perigos pelos quais ele fez passar mais de um? Arrumai essa última frase à vontade, mas passai-a ao Sumo Sacerdote do punhal; e eu, que conheço sua consumada prudência, aposto que esse pensamento produzirá certo efeito sobre o rufião".

Nubius não se enganou ao assim apreciar Mazzini, e não se encontra mais vestígio, nos arquivos da Loja Suprema, de algum comunicado do *pobre José* relativo a essa questão. A ameaça de um golpe de punhal fez voltar, "ao fundo de suas entranhas, o sentimento de seu orgulho".

Enfim, para cúmulo do mistério, os quarenta da Alta Venda não sabiam, nem eles mesmos, de onde vinha o impulso ao qual obedeciam, as ordens a transmitir ou a executar.

Um deles, Malegari, escreveu ao doutor Breidestem, em 1836: "Nós queremos quebrar toda espécie de jugo, e existe um que não vemos que apenas sentimos, e que pesa sobre nós. De onde ele vem? Onde ele está? Ninguém sabe, ou pelo menos ninguém diz. A associação é secreta, mesmo para nós, os veteranos das associações secretas. Exige-se de nós coisas que, algumas vezes, são de fazer arrepiar os cabelos; e crer-me-íeis que me informam de Roma que dois dos nossos, bem conhecidos por seu ódio ao fanatismo, foram obrigados, *por ordem do chefe supremo*, a se ajoelharem e a comungarem na última Páscoa? Não questiono minha obediência, mas gostaria muito de saber para onde nos conduzem tais fingidas devoções".

Eis aí o verdadeiro *perinde ac cadaver*[13]. E são esses escravos de um mestre que se esconde de todo o olhar, esses homens que sentem sempre a ponta do punhal nas costas, que fazem as leis contra os religiosos, por horror, dizem eles, ao voto de obediência!

INSTRUÇÃO SECRETA E PERMANENTE DA ALTA VENDA

Data este documento de 1819. Traça planos tenebrosos e verdadeiramente diabólicos contra a Igreja, os Cardeais, os padres, as famílias cristãs e a juventude. É a expressão mais crassa possível do mais avançado maquiavelismo.

Desde que nos constituímos em corpo de ação e que a nossa Ordem reina tanto no fundo da Venda mais distante, como da que mais se avizinha do centro, um pensamento há que sempre preocupou os homens que aspiraram à regeneração universal: é a libertação da Itália, donde deve resultar em dia determinado a alforria do mundo inteiro, a república fraternal e a harmonia da humanidade. Este pensamento ainda não foi compreendido pelos nossos irmãos dalém dos Alpes. Eles creem que a Itália revolucionária só pode conspirar na sombra, distribuir algumas punhaladas a esbirros e traidores, e sofrer tranquilamente o jugo dos sucessos que se verificam além dos montes pela Itália, mas sem a Itália. Este erro já muitas vezes nos foi fatal: não devemos combatê-lo com frases; seria o mesmo que propagá-lo: é mister acabar com ele por meio de fatos. Por isso entre os cuidados que têm o privilégio de agitar os espíritos mais poderosos das nossas Vendas, uns há que não devemos esquecer.

O Papado exerceu sempre ação decisiva nos negócios da Itália. Pelo braço, voz, pena e coração dos seus numerosos Bispos, padres, frades, religiosos e fiéis de todos os países, o Papado tem sempre pessoas dedicadas para o martírio e para o entusiasmo. Em toda parte, onde os chama, encontra amigos que morrem por ele ou de tudo se privam por sua causa. É uma imensa alavanca, cuja força só alguns Papas avaliaram, empregando-a, todavia, com muita parcimônia. Não se trata hoje para isso de restabelecer esse poder, cujo prestígio momentaneamente se acha debilitado; o nosso fim principal é o de Voltaire e da Revolução Francesa: o aniquilamento perpétuo do catolicismo e até da ideia cristã, que, no caso de permanecer de pé sobre as ruínas de Roma, viria perpetuar-se mais

adiante. Para atingir, porém, com mais certeza esse fim e não prepararmos com satisfação reveses, que adiam indefinidamente e comprometem no futuro o êxito de uma boa causa, não devemos escutar esses franceses vaidosos, nem os nebulosos alemães, nem os melancólicos ingleses, que julgam uns e outros matar o Catolicismo ora com uma canção obscena, ora com uma dedução ilógica, ora com um sarcasmo insolente, que passa como contrabando, como os algodões da Inglaterra. O Catolicismo tem vida mais tenaz do que isto. Viu inimigos mais implacáveis e terríveis e diverte-se em lançar água benta no túmulo dos mais furiosos. Deixemos, pois, nossos irmãos daqueles países entregar-se às intemperanças estéreis de seu zelo anti-católico: consintamos-lhes até que zombem das nossas Imagens de Nossa Senhora e da nossa aparente devoção. Com este passaporte podemos conspirar à vontade, e pouco a pouco chegar ao termo proposto.

O Papado há dezesseis séculos que é inerente à história da Itália. Não pode ela respirar nem mover-se sem licença do pastor supremo: com ele tem os cem braços de Briareu: sem ele está condenada a lamentável impotência. Só tem divisões para fomentar, ódios para patentear, hostilidades para levantar desde a primeira cordilheira dos Alpes até ao último monte dos Apeninos. Nós não podemos querer semelhante estado de coisas; importa, pois, procurar remédio a esta situação. Achado está o remédio. O Papa, seja ele quem for, não virá para as sociedades secretas: a estas é que cumpre dar os primeiros passos para a Igreja, a fim de vencê-los a ambos (o Papa e a Igreja).

O trabalho que vamos empreender não é obra nem de um dia, nem de um mês ou ano: pode durar muitos anos, um século talvez; mas, em nossas fileiras, morre o soldado e o combate continua.

Não está em nossa mente angariar os Papas para a nossa causa, fazer deles neófitos para os nossos princípios, propagadores de nossas ideias. Seria sonho ridículo e por qualquer modo que os sucessos volteiem, que os cardeais e prelados, por exemplo, hajam entrado por vontade ou surpresa em uma parte dos nossos segredos, não é isto uma razão para desejarmos a sua elevação à cadeira de Pedro. Esta elevação perder-nos-ia: bastava a ambição para os impelir à apostasia, a necessidade do poder havia de forçá-los a imolar-nos. O que devemos pedir, procurar e encontrar, como os judeus esperam o Messias, é um Papa adaptado às

nossas necessidades. Alexandre VI, com todos os seus crimes particulares, não nos conviria, porque nunca errou em matéria de fé. Um Clemente XIV, pelo contrário, seria o que nos convinha em toda a extensão. Bórgia era um libertino, verdadeiro sensualista do século XVIII extraviado no XV. Apesar dos seus vícios foi anatematizado por todos os vícios da filosofia e da incredulidade, e incorreu neste anátema pelo vigor com que defendeu a Igreja. Ganganelli entregou-se de pés e punhos ligados aos ministros dos Bourbons que lhe incutiam medo, aos incrédulos que apregoavam a sua tolerância, e Ganganelli tornou-se um grande Papa. Pouco mais ou menos outro assim é que nos convinha agora, sendo possível. Assim marcharemos com mais firmeza ao assalto da Igreja, do que por meio dos escritos de nossos irmãos da França, e até do ouro da Inglaterra. Quereis saber a razão? É porque, deste modo, para destruirmos o rochedo sobre o qual fundou Deus a sua Igreja, não precisamos de vinagre corrosivo, pólvora, ou mesmo de nossos braços: teremos o dedinho do sucessor de Pedro envolvido na conspiração e este dedinho vale, em tal cruzada, todos os Urbanos II e S. Bernardos da Cristandade.

Não duvidamos chegar a este termo supremo de nossos esforços; mas quando e como? Ainda se não acha desembaraçada a incógnita. Entretanto, como nada nos deve desviar do plano traçado e, pelo contrário, tudo deve concorrer para ele, como se o êxito feliz devesse coroar desde o dia de amanhã a obra apenas planejada, queremos nesta instrução que ficará secreta para os simples iniciados, dar aos prepostos da Alta Venda conselhos que eles deverão transmitir à universidade dos irmãos, sob a forma de doutrina ou memorandum. Importa principalmente, usando de certa discrição cujos motivos são palpáveis, nunca deixar pressentir que estes conselhos dimanam das ordens desta Venda. Manobra-se aí em demasia com o clero para que possamos a esta hora brincar com ele como com um desses pequenos soberanos ou príncipes que um sopro faz desaparecer.

Pouco há que fazer com velhos Cardeais ou Prelados cujo caráter é bastante decidido: é mister deixar os incorrigíveis à escola de Gonsalvi, ou procurar nos nossos arsenais de popularidade as armas que lhes tornarão ridículo ou inútil o poder quando o tiverem nas mãos. Uma palavra que se inventa com habilidade e se tem a arte de derramar no seio de certas famílias honradas e escolhidas para que daí desça aos botequins e destes às

ruas: uma palavra pode algumas vezes matar um homem. Se um padre chegar de Roma para exercer alguma função pública nos confins da província, indagai logo qual é o seu caráter, antecedentes, qualidades e defeitos principalmente. É ele um inimigo declarado? Um Albani, um Palotta, um Bernetti, um Delia Genga, um Rivarola? Envolvei-o com todos os laços que puderdes armar-lhe debaixo dos pés: criai-lhe uma dessas reputações que atemorizam as crianças e as velhas; pintai-o cruel e sanguinário, contai alguns feitos de crueldade que possam facilmente gravar-se na memória do povo. Quando os jornais, por intervenção nossa, se aproveitarem destas narrações, que eles aformosearão inevitavelmente, pelo respeito à verdade, mostrai ou antes fazei mostrar por algum respeitável imbecil, essas folhas onde estão relatados os nomes dos indivíduos e os excessos inventados. Na Itália não faltarão, como não faltam para as mentiras úteis à boa causa. Com jornal, cuja língua ele não compreende, mas onde encontrar o nome do seu juiz ou delegado, o povo não precisa de outras provas. Ele está na infância do liberalismo, crê nos liberais como depois crerá em nós, não sabemos muito em que.

Esmagai o inimigo quem quer que ele seja, esmagai o poderoso à força de maledicência ou de calúnias; mas principalmente esmagai-o no ovo. À mocidade é que devemos dirigir-nos, a ela é que devemos seduzir, sem que disso desconfie, sob o estandarte das sociedades secretas. Para caminhar com passos contados, mas seguros, nesta via perigosa, duas coisas são indispensáveis. Deveis simular a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes. Vossos pais, filhos e mulheres, até, devem sempre ignorar os segredos que guardais no peito; e se vos aprouvesse, para melhor iludir as vistas inquisitoriais, ir muitas vezes à confissão, estais como de direito autorizados a guardar o silêncio mais absoluto sobre estas coisas. Vós sabeis que a mínima revelação, o mais leve indício que escape no tribunal da Penitência ou em outra qualquer parte, pode acarretar grandes calamidades, e que o revelador voluntário ou involuntário assina a sua sentença de morte.

Ora, pois, para assegurar um Papa como nós o queremos, deve-se-lhe adaptar uma geração digna do reinado que imaginamos. Deixai de lado a velhice e a idade madura: ide à mocidade, e, se possível for, até à infância. Nunca tenhais para ela uma palavra de impiedade ou impureza: *Máxima debetur puero reverentia*, nunca esqueçais estas palavras do poeta, porque

elas vos servirão de salvaguarda contra as licenças de que importa essencialmente abster-se no interesse da causa. Para fazê-la frutificar no seio de cada família, para terdes direito de asilo no lar doméstico, deveis apresentar-vos com todas as aparências de homem grave e moral. Estabelecida a vossa reputação nos colégios, liceus, universidades e seminários, tendo captado a confiança dos professores e estudantes, esforçai-vos principalmente para conseguir que os que se alistam na milícia clerical procurem a nossa convivência. Nutri-lhes o espírito com o antigo esplendor de Roma Papal: existe sempre no fundo do coração do italiano um pesar pela Roma republicana. Confundi estas duas recordações com habilidade. Excitai, eletrizai essas naturezas tão suscetíveis de inflamar-se, tão cheias de patriótico orgulho. Oferecei-lhes primeiramente, mas sempre em segredo, livros inofensivos, poesias fulgentes com ênfase nacional, e pouco a pouco trareis os vossos babosos ao grau requerido. Quando em todos os pontos do Estado eclesiástico este trabalho cotidiano tiver derramado nossas ideias como a luz, então podereis apreciar a prudência do conselho de que tomamos a iniciativa.

Os acontecimentos que, como pensamos, se precipitam com grande velocidade, vão chamar necessariamente daqui a alguns meses uma intervenção armada da Áustria. Há loucos que, com alegria, se comprazem em arremessar os outros nos perigos; e sem embargo, são eles que em hora certa arrastam até os prudentes. A revolução que se faz meditar à Itália só terminará em desgraças e proscrições. Nada está maduro ainda, nem os homens, nem as coisas, e nada sê-lo-á ainda por muito tempo; mas estas desgraças poderão facilmente servir-vos para fazer vibrar nova corda no coração do clero novo, e será o ódio ao estrangeiro. Fazei com que o alemão se torne ridículo e odioso antes mesmo da sua entrada prevista. À ideia de Supremacia Pontifícia ajuntai sempre a lembrança das guerras do sacerdócio com o império. Ressuscitai as paixões mal apagadas dos Guelfos e Gibelinos e assim com pouco trabalho alcançareis uma reputação de bom católico e patriota puro.

Esta reputação dará entrada às nossas doutrinas no seio do clero novo, assim como no fundo dos conventos. Dentro de alguns anos este clero terá, pela força das coisas, invadido todas as funções: governará, administrará, formará o conselho do soberano; será chamado para a escolha do futuro Pontífice, e este Pontífice, como a maioria de seus contemporâneos, estará

mais ou menos imbuído nos princípios italianos e humanitários que vamos principiar a pôr em giro. É um grãozinho de mostarda que confiamos à terra; mas o sol das justiças fá-lo-á germinar até à sua mais elevada potência, e vereis um dia que rica seara há de produzir este pequeno grão.

No caminho que abrimos aos nossos irmãos, há grandes obstáculos a vencer, dificuldades de mais de uma espécie que superar; pela experiência e pela perspicácia é que se há de triunfar; mas o fim é tão bom que para atingi-lo importa soltar todas as velas. Quereis revolucionar a Itália? Procurai o Papa, cujo retrato acabamos de esboçar. Quereis estabelecer o reinado dos eleitos no trono da prostituta de Babilônia? Ande o clero debaixo das nossas bandeiras, pensando que marcha sempre sob o estandarte apostólico. Quereis fazer desaparecer o último vestígio dos tiranos e opressores? Lançar as vossas redes como Simão Bar-Jona? Lançai-a no fundo das sacristias, dos seminários e conventos, antes do que no fundo dos mares; e se nada precipitardes, nós vos prometemos pesca mais miraculosa do que a dele. O pescador de peixes torna-se pescador de homens; chamareis amigos em torno da cadeira apostólica. Tereis pescado uma revolução com tiara e capa de asperges, marchando com a cruz e com a bandeira, revolução que só precisará de ser um pouco aguilhoada para incendiar os quatro cantos do mundo.

Deve cada um dos atos da nossa vida tender à descoberta desta pedra filosofal. Os alquimistas da Idade Média perderam o seu tempo e ouro em procura deste sonho. O das sociedades secretas realizar-se-á por uma razão muito simples — porque funda-se nas paixões humanas. Não desanimeis, pois, com uma derrota, revés ou contratempo; preparemos as nossas armas no silêncio das Vendas; assestemos as nossas baterias; lisonjeemos todas as paixões, tanto as mais perversas, como as mais generosas, e tudo nos induz a crer que este plano será bem-sucedido algum dia, mesmo além de nossos cálculos os mais improváveis.

INSTRUÇÕES SOBRE OS MEIOS DE RECRUTAR NOVOS MAÇONS

É a carta de um judeu, designado na seita sob o nome de “Piccolo-Tigre”[14]. Ela dá aos membros da Venda dos Carbonários que Piccolo-Tigre havia formado em Turim, instruções sobre os meios a empregar para recrutar novos maçons. É datada de 18 de Janeiro de 1822.

Na impossibilidade em que nossos irmãos e amigos ainda se acham de dizer a sua última palavra, foi julgado bom e útil propagar por toda parte a luz e dar o impulso a tudo o que aspira a movimentar-se. É neste intuito que não cessamos de vos recomendar filiardes toda espécie de gente a toda sorte de congregações tais quais, contanto que o mistério domine nelas. A Itália está coberta de Confrarias religiosas e de Penitentes de diversas cores. Não vos arreceeis de insinuar alguns dos nossos no meio desses rebanhos guiados por uma devoção estúpida; estudem eles com cuidado o pessoal dessas Confrarias, e verão que, aos poucos, não faltam nelas colheitas a fazer. Sob pretexto o mais fútil, porém nunca político ou religioso, criai por vós mesmos, ou, melhor ainda, fazei criar por outros, associações que tenham por objeto o comércio, a indústria, a música, as belas-artes. Reuni num lugar ou noutro, nas próprias sacristias ou nas capelas, as vossas tribos ainda ignorantes; ponde-as sob o cajado de um padre virtuoso, bem notado, porém crédulo e fácil de enganar; infiltrai o veneno nos corações escolhidos, infiltrai-o em pequenas doses e como por acaso: depois, com a reflexão, vós mesmos ficareis admirados do vosso êxito.

O essencial é isolar o homem de sua família, fazer-lhe perder os costumes dela. Pelo pendor do seu caráter, ele é disposto a fugir dos cuidados do lar, a correr atrás de prazeres fáceis e de alegrias proibidas. Gosta das grandes conversas dos cafés, da ociosidade dos espetáculos. Arrastai-o, subtraí-o, dai-lhe uma importância qualquer; ensinai-o discretamente a aborrecer-se dos seus trabalhos diários, e, por esse manejo, depois de o separardes da mulher e dos filhos, e de lhe mostrardes quanto são penosos todos os deveres, inculcar-lhe-eis o desejo de outra existência.

O homem nasceu rebelde; atiçai esse desejo de rebelião até o incêndio, mas que o incêndio não irrompa. É uma reparação para a grande obra que deveis começar. Quando houverdes insinuado em algumas almas o tédio da família e da religião (quase sempre um segue o outro), deixai cair certas palavras que provo quem o desejo de ser filiado à Loja mais próxima. Essa vaidade do citadino ou do burguês, de enfeudar-se à Franco-Maçonaria tem algo de tão banal e de tão universal, que eu pasmo da estupidez humana. Admiro-me de não ver o mundo inteiro bater à porta de todos os Veneráveis, e pedir a esses senhores a honra de ser um dos obreiros escolhidos para a reconstrução do Templo de Salomão. O prestígio do secreto exerce sobre os homens tal poder, que as pessoas se preparam com tremor para as fantasmagóricas provas da iniciação e do banquete fraterno.

Ver-se membro de uma Loja, sentir-se, longe da mulher e dos filhos, chamado a guardar um segredo que nunca vos confiam, é para certas naturezas uma volúpia e uma ambição. Bem podem as Lojas, hoje em dia, procriar glutões: jamais procriarão cidadãos. Janta-se demais em casa dos T ∴ C ∴ e T ∴ R ∴ F ∴ de todos os Orientes; mas é um lugar de depósito, uma espécie de coudelaria, um centro pelo qual há que passar antes de chegar a nós. As Lojas fazem apenas um mal relativo, um mal temperado por uma falsa filantropia e por cantigas ainda mais falsas, como na França. Isso é demasiado pastoral e por demais gastronômico, mas tem uma finalidade que cumpre incentivar incessantemente. Ensinando-o a trazer arma com o seu copo, a gente se apodera da vontade, da inteligência e da liberdade do homem. Dispõe-se dele, vira-se-o, estuda-se-o. Adivinham-se-lhe os seus pendores, os seus afetos e as suas tendências; quando ele está maduro para nós, dirigimo-los para a Sociedade secreta, da qual a Franco-Maçonaria já não pode ser senão a antecâmara bastante mal iluminada.

A Alta Venda deseja que, sob um pretexto ou sob outro, se introduzam nas Lojas maçônicas a maior quantidade de príncipes e de ricos que se puder. Os príncipes de casa soberana que não têm a esperança legítima de ser reis pela graça de Deus, querem todos sê-lo pela graça de uma revolução. O duque de Orléans é maçom, também o foi o príncipe de Carignan. Não faltam deles, na Itália e alhures, que aspiram às honras assaz modestas do avental e da trolha simbólicas. Outros são deserdados ou

proscritos. Lisonjeai todos esses ambiciosos de popularidade; monopolizai-os para a Franco-Maçonaria: a Alta Venda verá depois o que deles poderá fazer de útil para a causa do progresso. Um príncipe que não tem reino a esperar é uma boa fortuna para nós. Há muitos nesse caso. Fazei deles bons Maçons. A Loja conduzi-los-á ao Carbonarismo. Dia virá em que a Alta Venda talvez se digne de filiá-los a si. Até lá, eles servirão de visgo aos imbecis, aos intrigantes, aos citadinos e aos necessitados. Esses pobres príncipes farão o nosso desejo acreditando só trabalhar para o deles. É esta uma magnífica senha, e sempre há tolos dispostos a arrolar-se a serviço de uma conspiração da qual um príncipe qualquer parece ser o arcobotante.

Uma vez que um homem, que um príncipe mesmo, e sobretudo um príncipe, tenha começado a ser corrompido, ficai persuadidos de que ele não se deterá no declive. Há poucos costumes, mesmo entre os mais morais, e anda-se muito depressa nessa progressão. Não vos espanteis, pois, de ver as Lojas florescentes, quando o Carbonarismo se recruta com dificuldade. É com as Lojas que nós contamos para duplicar as nossas fileiras; elas formam, sem o saberem, o nosso noviciado preparatório. Discorrem sem fim sobre os perigos do fanatismo, sobre a ventura da igualdade social e sobre os grandes princípios de liberdade religiosa. Entre dois festins, elas têm anátemas fulminantes contra a perseguição. E isto é mais do que é preciso para fazer adeptos. Um homem imbuído dessas belas coisas não está distanciado de nós; já não resta senão arregimentá-lo. A lei do progresso social está aí, e toda aí; não vos deis o trabalho de procurá-la alhures. Nas circunstâncias presentes, nunca tireis a máscara. Contentai-vos com rondar em torno do redil católico; mas, como bom lobo, agarrai de passagem o primeiro cordeiro que se oferecer nas condições queridas. O burguês tem de bom, e o príncipe ainda mais. Entretanto, que esses cordeiros não se transmudem em raposas, como o infame Carignan. A traição do juramento é um decreto de morte, e todos esses príncipes, fracos ou covardes, ambiciosos ou arrependidos, nos atraiçoam e nos denunciam. Por felicidade, eles só sabem pouca coisa, nada mesmo, e não podem pôr alguém nas pegadas dos nossos verdadeiros mistérios.

Na minha última viagem à França, vi com satisfação profunda que os nossos jovens iniciados punham extremo ardor na difusão do Carbonarismo; mas acho que eles precipitam um pouco o movimento. A

meu ver, eles fazem por demais, do seu ódio religioso, um ódio político. A conspiração contra a Sé romana não deveria confundir-se com outros projetos. Estamos expostos a ver germinar no seio das Sociedades secretas ambições ardentes; mas, uma vez senhoras do poder, podem essas ambições abandonar-nos. A rota que nós seguimos ainda não está bem traçada, para nos entregarmos a intrigantes ou a tribunos. Precisamos descatolicizar o mundo, e um ambicioso chegado ao seu escopo guardar-se-á bem de nos secundar. A revolução na Igreja é a revolução em permanência, é o derrubamento obrigatório dos tronos e das dinastias. Ora, um ambicioso não pode querer essas coisas. Nós visamos a mais alto e a mais longe; tratemos, pois, de nos poupar e de nos fortalecer. Conspiremos só contra Roma: para isso, sirvamo-nos de todos os incidentes, ponhamos a proveito todas as eventualidades. Defendamo-nos principalmente dos exageros de zelo. Um bom ódio bem frio, bem calculado, bem profundo, vale mais do que todos esses fogos de artifício e do que todas essas declamações de tribuna. Em Paris, não querem compreender isso; mas em Londres eu vi homens que compreendiam melhor o nosso plano e a ele se associavam com mais fruto. Oferecimentos consideráveis foram-me feitos: breve nós teremos em Malta uma impressora à nossa disposição. Poderemos, pois, com impunidade, de certo, e sob pavilhão britânico, difundir, de uma ponta à outra da Itália, os livros, brochuras, etc. que a Venda julgar oportuno pôr em circulação.

QUEM É NOSSO CHEFE?

Da carta de Malegari, de Londres, ao Dr. Breidenstein escrita em 1835. Este fragmento faz suspeitar que existam chefes internacionais maçônicos desconhecidos aos próprios maçons graduados. Fornece também outra interessante informação.

Nós formamos uma associação de irmãos em todos os pontos do globo; temos desejos e interesses comuns: tendemos todos à libertação da humanidade; queremos quebrar toda espécie de jugo, e há um que não se vê, que mal se sente, e que pesa sobre nós. Donde vem? Onde está? Ninguém o sabe, ou, pelo menos, ninguém o diz. A associação é secreta, mesmo para nós, veteranos das associações secretas. Exigem-se de nós coisas que, às vezes, são de fazer eriçar os cabelos na cabeça; e o Sr. acreditaria que me mandam dizer de Roma que dois dos nossos, bem conhecidos pelo seu ódio ao fanatismo, foram obrigados, por ordem do chefe supremo, a ajoelhar-se e a comungar na última Páscoa? Eu não discuto a minha obediência, mas confesso que bem quisera saber até onde levaremos semelhantes capuchinadas.

NOVOS PLANOS DA ALTA VENDA

Esta carta, datada de 9 de Agosto de 1838, foi escrita por “Vindice”, de Castellamare, e dirigida a “Nubius”, chefe da Alta Venda. Desenvolve e propõe novos planos maquiavélicos.

Os morticínios de que a nossa gente se torna culpada ora na França, ora na Suíça, e sempre na Itália, são para nós uma vergonha e um remorso. É o berço do mundo explicado pelo apólogo de Caim e Abel; e nós estamos por demais em progresso para nos contentarmos com semelhantes meios. Para que serve um homem morto? Para meter medo aos tímidos e para afastar de nós todos os corações audaciosos. Os nossos predecessores no Carbonarismo não compreendiam o seu poder. Não é no sangue de um homem isolado, ou mesmo de um traidor, que se deve exercer esse poder, é sobre as massas. Não individualizemos o crime; a fim de aumentá-lo até às proporções do patriotismo e do ódio contra a Igreja, devemos generalizá-lo. Uma punhalada não significa nada, não produz nada. Que fazem ao mundo alguns cadáveres desconhecidos, lançados na via pública pela vingança das Sociedades secretas? Que importa ao povo que o sangue de um operário, de um artista, de um fidalgo, ou mesmo de um príncipe, tenha corrido em virtude de uma sentença de Mazzini ou de alguns dos seus sicários brincando seriamente de Sainte-Vehme? O mundo não tem tempo de prestar ouvidos aos últimos gritos da vítima; passa e esquece. Nós, meu Nubius, só nós, é que podemos suspender a marcha do mundo. O Catolicismo não tem mais medo de um estilete bem acerado do que a monarquia; mas estas duas bases da ordem social podem ruir sob a corrupção; nunca nos cansemos, pois, de corromper. Tertuliano dizia, com razão, que o sangue dos mártires gerava cristãos. Está decidido nos nossos conselhos que nós não queremos mais cristãos: não façamos, pois, mártires, mas popularizemos o vício nas multidões. Respirem-no elas pelos cinco sentidos, saturem-se dele; e esta terra, onde o Aretino semeou, está sempre disposta a receber lúbricos ensinamentos. Fazei corações viciosos, e já não tereis católicos. Afastai o

padre do trabalho, do altar e da virtude; procurai jeitosamente ocupar em outra coisa seus pensamentos e suas horas. Tomai-o ocioso, glutão e patriota, e ele se tornará ambicioso, intrigante e perverso. Tereis assim cumprido mil vezes melhor a vossa tarefa do que se houvésseis embotado a ponta dos vossos estiletes nos ossos de alguns pobres diabos. Não quero, nem você também quer, não é? amigo Nubius, dedicar minha vida aos conspiradores para me arrastar na velha rotina.

É a corrupção em grande escala que havemos empreendido, a corrupção do povo pelo clero e do clero por nós, a corrupção que deve conduzir-nos a pôr, um dia, a Igreja no túmulo. Ultimamente eu ouvia um amigo nosso rir de maneira filosófica dos nossos projetos e dizer: “Para abater o Catolicismo é preciso começar suprimindo a mulher”. A palavra é verdadeira; mas, já que não podemos suprimir a mulher, corrompamo-la com a Igreja. *Corruptio optimi péssima*. O objetivo é bastante belo para tentar homens tais como nós. Não nos afastemos dele por algumas míseras satisfações de vingança pessoal. O melhor punhal para ferir a Igreja no coração é a corrupção. Mãos à obra, pois, até o fim!

ESCRÚPULOS DA ALTA VENDA

Esta carta data de 13 de Janeiro de 1844. É “Gaetano”, que se dirige a “Nubius”. Depois de contribuir, tanto quanto podia, para a perversão do povo, vieram as reflexões e Gaetano dirige conselhos que são uma demissão antecipada.

Antes de responder às suas duas últimas cartas, meu Nubius, devo participar-lhe algumas observações das quais bem quereria fazê-lo aproveitar. No espaço de alguns anos nós adiantamos consideravelmente as coisas. A desorganização social reina por toda parte; está ao norte como ao sul, no coração dos fidalgos como na alma dos padres. Tudo tem sofrido o nível ao qual queríamos abaixar a espécie humana. Aspirávamos a corromper para chegarmos a governar, e não sei se, como eu, você se assusta da nossa obra. Receio ter ido longe demais; teremos corrompido demais; e, estudando a fundo o pessoal dos nossos agentes na França, começo a crer que não encaixaremos à vontade a torrente que fizemos transbordar. Há paixões insaciáveis que eu não adivinhava, apetites desconhecidos, ódios selvagens que fermentam em torno e acima de nós. Paixões, apetites e ódios, tudo isso pode, um belo dia, devorar-nos, e, se ainda fosse tempo de levar remédio a essa gangrena moral, seria para nós um verdadeiro benefício. Foi facílimo perverter: será igualmente fácil açaimar sempre os pervertidos? Aí, para mim, está nisso a questão grave. Muitas vezes procurei tratá-la com você, mas você evitou a explicação. Hoje já não é mais possível recuá-la, pois o tempo urge, e na Suíça como na Áustria, na Prússia como na Itália, os nossos seides[15], que amanhã serão nossos amos (e que amos, ó Nubius!) aguardam apenas um sinal para quebrar o velho molde. A Suíça propõe-se dar esse sinal; mas esses radicais helvéticos, albardados dos seus Mazzini, dos seus Comunistas, da sua aliança dos santos e do Proletariado-ladrão, não são de molde a conduzir as Sociedades secretas ao assalto da Europa. É preciso que a França imprima o seu cunho a essa orgia universal; esteja bem convencido de que Paris não faltará à sua missão. Dado e recebido o impulso, para onde irá esta pobre Europa? Inquieto-me com isto, pois estou ficando velho, perdi as minhas

ilusões, e não quereria, pobre e destituído de tudo, assistir como um figurante de teatro ao triunfo de um princípio que eu houvesse incubado e que me repudiasse, confiscando-me a fortuna ou tirando-me a cabeça.

Nós nos extremamos em muita coisa. Tiramos ao povo todos os deuses do céu e da terra que lhe tinham a homenagem. Arrancamos-lhe a sua fé religiosa, a sua fé monárquica, a sua probidade, as suas virtudes de família; e agora, que ouvimos ao longe os seus surdos rugidos, trememos, pois o monstro pode devorar-nos. Aos poucos despojamo-lo de todo sentimento honesto: ele será sem misericórdia. Quanto mais penso nisto, tanto mais convencido fico de que seria preciso procurar uma moratória. Ora, que faz você neste minuto talvez decisivo? Você está apenas num ponto; desse ponto você irradia, e com dor fico sabendo que todos os seus desejos tendem a um abrasamento geral. Não haveria um meio de recuar, de retardar, de adiar esse momento? Julga você bastante bem tomadas as suas medidas para dominar o movimento que nós mesmos imprimimos? Em Viena, quando o alarma revolucionário soar, nós seremos tragados pela turba, e o chefe precário que dela sairá está talvez hoje na cadeia ou em algum mau lugar. Na nossa Itália, onde se joga uma dupla partida, vocês devem estar trabalhados pelos mesmos temores. Não revolvemos a mesma lama? Essa lama sobe à tona, e tenho medo de morrer sufocado por ela.

Seja qual for o futuro reservado às ideias que as Sociedades secretas propagaram, seremos vencidos e acharemos senhores. Não era esse o nosso sonho de 1825 nem eram as nossas esperanças de 1831. A nossa força não é mais do que efêmera, passa a outros. Deus sabe onde se deterá esse progresso que ruma ao embrutecimento. Eu não recuaria ante as minhas obras se nós pudéssemos sempre dirigi-las, explicá-las ou aplicá-las. Mas o receio que eu experimento em Viena você também não o sente? Você não confessa a si mesmo, como eu confesso a mim, que, se ainda é tempo, é preciso parar no templo antes de fazer alto sobre ruínas? Essa parada ainda é possível, e só você, ó Nubius, pode decidi-lo. Será que, avindo-se nisso com jeito, não se poderia fazer o papel de Penélope e romper durante o dia a trama que se teria preparado durante a noite?

O mundo está lançado na encosta da Democracia, e, desde algum tempo, para mim, democracia quer sempre dizer demagogia. Os nossos vinte anos de “complots”[16] correm o risco de apagar-se ante alguns tagarelas que

vieram lisonjear o povo e atirar nas pernas da nobreza depois de metralharem o clero. Sou fidalgo, e mui sinceramente confesso que me custaria privar com a plebe e esperar do seu beneplácito o meu pão de cada dia e a luz que brilha. Com uma revolução tal como a que se apresta, nós podemos perder tudo, e eu faço questão de conservar. Assim também deve pensar você, caro amigo, pois possui, e não haveria de gostar, mais do que eu, de ouvir ressoar aos seus ouvidos a palavra confisco e proscrição, das Églogas, o fatal grito dos espoliadores:

Haec mea sunt; veteres, migrate, coloni.

Eu tenho, quero ter, e a Revolução pode tirar-nos tudo fraternalmente. Outras ideias me preocupam ainda, e estou certo de que à mesma hora preocupam vários dos nossos amigos. Ainda não tenho remorsos; mas estou agitado de temores, e, no lugar de vocês, na situação em que percebo os espíritos na Europa, eu não quisera assumir sobre minha cabeça uma responsabilidade que pode levar José Mazzini ao Capitólio. Mazzini no Capitólio! Nubius na rocha Tarpéia ou no esquecimento! Eis aí o sonho que me persegue, se o azar realizasse os desejos de vocês. Acaso este sonho lhe sorri, Nubius?

O FRACASSO DA ALTA VENDA

De Livorno, escreve “Beppo” a “Nubius”, com a data de 2 de Novembro de 1844, prevendo o fracasso total dos esforços da Alta Venda.

Marchamos com grandes guias, e cada dia incorporamos novos, fervorosos neófitos ao “complot”. *Fervet opus*; porém o mais difícil ainda resta não somente fazer, porém mesmo esboçar. Temos adquirido, e sem excessivas dificuldades, monges de todas as ordens, padres de quase todas as condições, e certos “monsignori” intrigantes ou ambiciosos. Não é, talvez, o que há de melhor ou de mais respeitável; mas não importa. Para o fim colimado, um Frate, aos olhos do povo, é sempre um religioso; um prelado será sempre um prelado. Fracassamos completamente sobre os Jesuítas. Desde que conspiramos, foi impossível pôr a mão num Inaciano, e seria preciso saber porquê essa obstinação tão unânime. Não acredito na sinceridade da fé deles e da sua dedicação à Igreja; mas por que então nunca pudemos, junto a um só deles, dar com a falha da couraça? Não temos Jesuítas conosco; mas podemos sempre dizer e fazer dizer que os há, o que daria absolutamente no mesmo. Assim já não será quanto aos Cardeais; eles todos escaparam às nossas redes. As lisonjas mais bem combinadas de nada serviram, de tal sorte que na hora presente nos achamos tão pouco adiantados como na primeira. Nem um só membro do Sacro Colégio caiu no laço. Aqueles que nós sondamos, que auscultamos, todos, à primeira palavra sobre as Sociedades secretas e sobre o poder delas, fizeram sinais de exorcismo, como se o diabo fosse carregá-los para cima da montanha; e, morrendo Gregório XVI (o que vai suceder proximamente), nós nos achamos como em 1823, por ocasião da morte de Pio VII.

Que fazermos nesta ocorrência? Renunciarmos ao nosso projeto não é mais possível, sob pena de um ridículo indelével. Esperar a sorte na loteria sem termos tomado números, parece-me maravilhoso demais; continuar a aplicação do sistema sem poder esperar uma “chance” mesmo incerta, isto produz-me o efeito de jogar com o impossível. Eis-nos que tocamos o termo

dos nossos esforços. A Revolução avança a galope, trazendo na garupa motins sem fim, ambiciosos sem talento, e subversões sem valor; e nós, que havíamos preparado todas essas coisas, nós que havíamos procurado dar a essa revolução um supremo derivativo, sentimo-nos feridos de impotência no momento de agir soberanamente. Tudo nos foge, só a corrupção nos fica, para ser explorada por outros. O Papa futuro, qualquer que ele seja, jamais virá a nós; e poderemos nós jamais ir a ele? Ele não será como os seus predecessores e os seus sucessores, e não fará como eles? Nesse caso, ficaremos na estacada e aguardaremos um milagre? O tempo disto já passou, e nós já não temos esperança senão no impossível. Morto Gregório, nos veremos adiados indefinidamente. A Revolução, cuja hora se aproxima um pouco por toda parte, talvez dê um novo curso às ideias. Ela mudará, modificará; mas, para falar a verdade, não será a nós que ela elevará. Nós nos encerramos por demais na meia-luz e na sombra; não tendo sido bem-sucedidos, nos sentiremos riscados e esquecidos por aqueles que puseram a proveito os nossos trabalhos e os seus resultados. Não chegamos a resultado, não podemos chegar; temos, pois, que sucumbir e resignar-nos ao mais cruel dos espetáculos, o espetáculo de vermos o triunfo do mal que fizemos e não partilharmos desse triunfo.

ÚLTIMAS ESPERANÇAS DA ALTA VENDA

É Piccolo-Tigre, que ainda ignora a retirada forçosa de seu chefe, que de Livorno, com a data de 5 de Janeiro de 1845, dirige esta carta ao seu chefe “Nubius”.

A viagem que acabo de fazer à Europa foi tão feliz e tão produtiva quanto o esperamos. Doravante já não nos resta senão pôr mãos à obra para chegarmos ao desfecho da comédia. Em toda parte achei os espíritos mui propensos à exaltação; todos confessam que o velho mundo estala, e que os reis já viveram o seu tempo. A messe que colhi foi abundante; neste envelope você achará as primícias dela, das quais não necessito que você me passe recibo, pois gosto pouco de contar com meus amigos, poderia dizer com meus irmãos. A messe feita deve frutificar, e, se eu der crédito às notícias que me são comunicadas aqui, chegamos à época tão desejada. A queda dos tronos já não faz dúvida para mim, que acabo de estudar na França, na Suíça, na Alemanha, e até na Rússia, o trabalho das nossas Sociedades. O assalto que, daqui a alguns anos, e quiçá mesmo a alguns meses, será desfechado contra os príncipes da terra, sepultá-los-á sob os destroços dos seus exércitos impotentes e das suas monarquias caducas. Em toda parte há entusiasmo entre os nossos e apatia ou indiferença entre os inimigos. É sinal certo e infalível de êxito; mas essa vitória, que será tão fácil, não é a que provocou todos os sacrifícios que temos feito. Há uma mais preciosa, mais duradoura, e que nós almejamos há longo tempo. As suas cartas e as dos nossos amigos dos Estados romanos permitem-nos esperá-la; é a meta para que todos nós tendemos, é o termo onde queremos chegar. Efetivamente, que foi que pedimos em reconhecimento das nossas penas e dos nossos sacrifícios?

Não foi uma revolução numa região ou noutra. Isso se obtém sempre, quando bem se quer. Para matar seguramente o velho mundo, acreditamos que seria preciso sufocar o germe católico e cristão, e você, com a audácia do gênio, ofereceu-se para ferir na testa, com a funda de um novo David, o Golias pontifício. Está muito bem; mas quando é que você ferirá? Tenho

pressa de ver as Sociedades secretas a braços com esses cardeais do Espírito Santo, pobres naturezas estioladas, que nunca se deve fazer sair do círculo em que a impotência ou a hipocrisia os encerra.

No curso das minhas viagens, vi muita coisa e pouquíssimos homens. Teremos uma multidão de dedicações subalternas, e nem uma só cabeça, nem uma só espada, para comandar: o talento é mais raro do que o zelo. Esse bravo Mazzini, com quem repetidas vezes me encontrei, tem sempre na cachola e na boca o seu sonho de humanidade unitária. Mas, à parte os seus pequenos defeitos e a sua mania de fazer assassinar, há algo de bom nele. Pelo seu misticismo ele atrai a atenção das massas, que não compreendem nada dos seus grandes ares de profeta e dos seus discursos de iluminado cosmopolita. As nossas impressoras da Suíça estão em bom caminho; produzem livros tais como os desejamos; mas é um pouco caro. Consagrei a essa propaganda necessária uma parte bastante forte dos subsídios recolhidos. Vou utilizar o resto nas Legações. Estarei em Bolonha lá pelo dia 20 deste mês. Pode você fazer-me ter ali as suas instruções no endereço ordinário. De lá transportar-me-ei para os pontos onde você achar que a minha presença áurea será mais necessária. Fale, estou pronto a executar.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS SOBRE A MAÇONARIA

CONSTITUIÇÃO “*IN EMINENTI APOSTOLATUS SPECULA*”, DE CLEMENTE XII

Data já de 1738 a primeira condenação expressa e formal da Maçonaria por parte da suprema autoridade da Igreja Católica. A razão principal da condenação, indicada por Clemente XII, está no caráter sigiloso e secreto desta associação, segredo que é mantido sob juramentos e penas graves.

Clemente, Bispo, servo dos servos de Deus, a todos os fiéis de Jesus Cristo, saúde e Bênção Apostólica.

Elevado ao trono pontifício pela Divina Providência, temos levado todos os sentidos, e com todo o zelo de nossa solicitude, sobre o que pode, cerrando a porta aos erros e aos vícios, servir para conservar a integridade da religião ortodoxa, e banir do mundo católico o perigo das perturbações, nestes dificílimos tempos que atravessamos.

Sabemos que por aí se desenvolvem, progredindo cada dia, certas sociedades, assembleias, reuniões, corrilhos ou conventículos, que se chamam vulgarmente de franco-maçons — ou que têm outra denominação, segundo a variedade das línguas — nas quais se ligam homens de todas as religiões e seitas, sob aparência de honestidade natural, por um pacto estreito e impenetrável, conforme leis e estatutos por eles criados, obrigando-se debaixo de juramento e sob penas graves a ocultar por um silêncio inviolável tudo o que praticam nas sombras do segredo.

Mas, como é da natureza do crime trair a si mesmo, deixando escapar vozes que descubram e denunciem, as sociedades, ou conventículos supracitados, geraram no espírito dos fiéis suspeitas tão sérias, que quem faz parte delas fica, aos olhos das pessoas de probidade e de prudência, marcado com o ferrete da malícia e da perversidade. E estas suspeitas cresceram em tanta maneira que, em vários Estados, as ditas sociedades foram proscritas e banidas, como elemento perigoso à segurança dos reinos.

Eis por que Nós, ponderando os grandes males, que por via de regra resultam dessas espécies de sociedade ou conventículos, não somente para

a tranquilidade dos Estados temporais, mas ainda para a salvação das almas, pois de maneira alguma podem harmonizar-se com as leis civis e canônicas; considerando o nosso dever de velar dia e noite, como servo prudente e fiel, para que esse gênero de homens não forcem a casa, como ladrões, ou, quais raposas, não estraguem a vinha do Senhor, pervertendo os corações simples, e varando-os com seus dardos envenenados; para obstruirmos a larga estrada, por onde poderiam advir-nos muitas iniquidades cometidas impunemente, e por outras causas justas e razoáveis por nós conhecidas, de conformidade com o parecer de nossos Veneráveis Irmãos, os Cardeais da Santa Igreja Romana, com conhecimento certo, e depois de madura deliberação de nosso pleno poder apostólico, resolvemos e decretamos condenar e proibir as mencionadas sociedades, assembleias, reuniões, corrilhos ou conventículos de franco-maçons, como de fato os condenamos e proibimos por esta nossa Constituição válida para sempre.

Proibimos, portanto, seriamente e em nome da Santa Obediência a todos e a cada um dos fiéis de Cristo, de qualquer estado, posição, condição, classe, dignidade e preeminência que sejam; leigos ou clérigos, seculares, ou regulares, ousar ou presumir entrar por qualquer pretexto, debaixo de qualquer cor, nas sociedades de franco-maçons, propagá-las, sustentá-las, recebê-las em suas casas, ou dar-lhes abrigo e ocultá-las alhures, ser nelas inscrito ou agregado, assistir às suas reuniões, ou proporcionar-lhes meios para se reunirem, fornecer-lhes o que quer que seja, dar-lhes conselho, socorro ou favor às claras ou em secreto, direta ou indiretamente, por si ou por intermédio de outro, de qualquer maneira que a coisa se faça, como também exortar a outros, provocá-los, animá-los a se instruírem nessas sortes de sociedade, a se fazerem membros seus, a auxiliarem-nas, ou protegerem-nas de qualquer modo. E ordenamos-lhes absolutamente que se abstenham por completo dessas sociedades, assembleias, reuniões, corrilhos ou conventículos, e isto debaixo de pena de excomunhão, na qual se incorre pelo fato e sem outra declaração, e da qual ninguém pode ser absolvido senão por nós, ou pelo Pontífice Romano reinante, exceto em artigo de morte.

Dado em Roma, em Santa Maria Maior, aos vinte e oito de Abril do ano da Encarnação de Nosso Senhor, 1738, e oitavo de nosso pontificado.

CONSTITUIÇÃO “*PROVIDA ROMANORUM PONTIFICUM*”, DE BENTO XIV

Treze anos depois da primeira condenação, em 1751, a suprema autoridade da Igreja, pela voz de Bento XIV, mais uma vez denunciou a Maçonaria, para confirmar a declaração anterior.

Bento, Bispo, servo dos servos de Deus.

Razões justas e graves obrigam-nos a confirmar e munir da força de nossa autoridade as sábias leis e sanções dos pontífices romanos, nossos predecessores, não somente as que receamos sejam pelo tempo destruídas ou enfraquecidas, mas ainda aquelas que se acham em pleno vigor, e em toda a sua força.

Clemente XII, nosso antecessor, de clara memória, em suas Letras Apostólicas *In Eminenti*, datada aos 28 de Abril de 1738, condenou e proibiu para sempre, debaixo de pena de excomunhão, certas sociedades, assembleias, reuniões, corrilhos ou conventículos, denominados vulgarmente de franco-maçons, que então se propagavam em alguns países, crescendo de dia para dia.

Mas chegou à nossa notícia que não trepidam alguns em assegurar e divulgar que a pena de excomunhão fulminada pelo nosso antecessor cessou, porque não foi confirmada a supracitada Constituição, como se fosse exigida a confirmação do Papa sucessor, para que continuassem a subsistir as Constituições apostólicas do Papa predecessor. Por isso nos insinuaram homens piedosos e tementes a Deus que, para cortarmos todos os subterfúgios dos caluniadores, e declararmos a conformidade de nossa intenção com a vontade de nosso predecessor, vinha muito a propósito ajuntar a nossa confirmação às suas mencionadas letras.

Quando concedemos benigno — o que se deu principalmente no ano do jubileu, e algumas vezes antes — a absolvição da excomunhão a vários fiéis arrependidos de terem violado as leis da referida Constituição, prometendo abandonar de todo em todo tais sociedades ou conventículos condenados; quando comunicamos aos penitenciários nossos delegados a faculdade de dar em nosso nome e autoridade a mesma absolvição aos penitentes que a

eles recorriam contritos; quando exortamos com solicitude e vigilância os juízes e tribunais competentes a procederem contra os violadores da mesma Constituição conforme a gravidade do delito; em todas essas ocasiões apresentamos argumentos, não só plausíveis, evidentes e indubitáveis, dos quais devia deduzir-se a nossa firme e deliberada vontade em relação à força e ao vigor da censura lançada por nosso antecessor Clemente XII.

Contudo, para que se não possa dizer que imprudentemente omitimos alguma coisa do que pode barrar a boca à mentira e à calúnia, resolvemos confirmar, como de fato confirmamos pelas presentes Letras, a Constituição acima referida, corroborando-a, renovando-a com toda a plenitude de nosso poder apostólico em tudo e sem reserva, como se fosse publicada por nós mesmo, por nossa própria autoridade, em nosso nome, e queremos e mandamos que tenha força e eficácia para sempre.

Finalmente, entre as causas mais graves das supraditas proibições e condenações enunciadas na Constituição acima inserida:

— a primeira é: que nas tais sociedades e assembleias secretas, estão filiados indistintamente homens de todos os credos; daí ser evidente a resultante de um grande perigo para a pureza da religião católica;

— a segunda é: a obrigação estrita do segredo indevassável, pelo qual se oculta tudo que se passa nas assembleias secretas, às quais com razão se pode aplicar o provérbio (do qual se serviu Caecilius Natalis, em causa de caráter diverso, contra Minúcius Félix): “As coisas honestas gozam da publicidade; as criminosas, do segredo”;

— a terceira é: o juramento pelo qual se comprometem a guardar inviolável segredo, como se fosse permitido a qualquer um apoiar-se numa promessa ou juramento com o fito de furtar-se a prestar declarações ao legítimo poder, que investiga se em tais assembleias secretas não se maquina algo contra o Estado, contra a Religião e contra as Leis;

— a quarta é: que tais sociedades são reconhecidamente contrárias às sanções civis e canônicas; o direito civil proíbe ajuntamentos e sodalícios, como se pode conferir no XLVII livro de Pandectas, tit. 22 *de Collegüs et Corporibus illicitis* e na célebre carta de Plinius Caecilius II, que é a XCVII, livro 10, na qual diz ser proibida pelo Imperador a existência de

“Hetérias”: isto é, sociedade alguma ou reunião podia existir e constituir-se sem a devida autorização do príncipe;

— a quinta é: que em muitos países as ditas sociedades e agregações foram proscritas e eliminadas por leis de príncipes seculares;

— a última enfim é: que as tais sociedades e agregações são reprovadas por homens prudentes e honestos e, no pensar deles, quem quer que se inscreva nelas merece o ferrete da depravação e perversidade.

Enfim, nosso predecessor, na Constituição acima inserida, conclama os Bispos e Superiores Prelados e outros Ordinários dos lugares, a que não deixem de solicitar o poder secular, se necessário, para a execução da mesma.

Tudo isso não só aprovamos e confirmamos e respectivamente recomendamos e ordenamos aos superiores eclesiásticos, mas também nós mesmo, por dever de solicitude apostólica, pelas presentes Letras, requeremos um esforço conjunto, e invocamos o auxílio e forças do poder secular, para a execução das mesmas.

E uma vez que os príncipes soberanos e os poderes são designados por Deus, são defensores da fé e protetores da Igreja, por obrigação devem empenhar-se com toda a sorte de boas razões que sejam observadas à risca as Constituições Apostólicas. É o que lhes lembraram os padres do Santo Concílio de Trento, na 254 sessão, cap. 20 e já mui anteriormente havia esplendidamente declarado o Imperador Carlos Magno, que, após ter recomendado a todos os seus súditos a observância das leis eclesiásticas, acrescentou: “De modo algum podemos reconhecer por fiéis os súditos infiéis a Deus e desobedientes aos seus sacerdotes”. E por isso ordenou a todos os chefes e oficiais de seu Império que obrigassem a todos os súditos à observância e obediência das leis da Igreja, sancionando penas muito severas aos infratores. Entre outras, disse: “Aqueles que forem reconhecidamente (o que Deus não o permita) negligentes ou desobedientes neste ponto, saibam que não podem ocupar lugar algum em nosso Império, sejam embora nossos filhos, nem viver no palácio, e menos ainda ter qualquer sociedade ou comunicação, nem conosco, nem com os nossos, mas sofrerão as penas de fome, sede e prisão”.

Queremos que a transcrição das presentes letras, igualmente as impressas, seja subscrita por notário público e munida com o sigilo de pessoa revestida de dignidade eclesiástica e mereça assim a mesma fé que o original, caso for exibida.

A ninguém, pois, seja lícito infringir esta página de nossa confirmação, inovação, aprovação, requisição, decreto e vontade ou temerariamente contrariar. Caso alguém o presumir, saiba que incorrerá na ira de Deus Onipotente e de seus bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma, em Santa Maria Maior, aos dezoito de Maio do ano da Encarnação 1751, segundo de nosso pontificado.

CONSTITUIÇÃO “*ECCLESIAM A JESU CHRISTO*”, DE PIO VII

Condenação da “Carbonária”, seus princípios e suas ações terroristas, resultando em excomunhão *latae sententiae* de seus adeptos e propagandistas, publicada no dia 13 de Setembro de 1821, pelo Papa Pio VII.

A Igreja que Jesus Cristo Nosso Salvador fundou sobre pedra firme, e contra a qual, segundo a promessa do mesmo Jesus Cristo, jamais prevalecerão as portas do inferno, tem sido tantas vezes atacada por inimigos tão terríveis, que sem esta divina promessa, que não pode mudar, seria de temer que lograria pela violência daqueles, que por seus artifícios e embustes, houvesse sucumbido. Na verdade, o que aconteceu nos tempos antigos se repete, inclusive e sobretudo em nossa triste época, que parece ser aquele último tempo anunciado há tantos séculos pelos Apóstolos, quando “Virão impostores, que andarão segundo as suas paixões, cheios de impiedade”[17]. Ninguém, com efeito, ignora que grande número de homens perversos, nestes tempos difíceis, uniram forças contra o Senhor e contra Cristo, Seu Filho; esforçando-se em particular (embora com esforços vãos) para oprimir e subverter a própria Igreja, enganando os fiéis com uma filosofia inútil e enganadora, afastando-os da doutrina da Igreja. Para alcançar mais facilmente este fim, a maior parte deles têm criado as sociedades ocultas, as seitas clandestinas, jactando-se por este meio de associar mais livremente um maior número de indivíduos para sua conspiração e iniquidade.

Já faz muito tempo que a Santa Sé, tendo descoberto estas seitas, se levantou contra elas com força e coragem, pondo em claro os tenebrosos desígnios que elas formavam contra a Religião e contra a sociedade civil. Já faz tempo que Ela chama a atenção geral sobre este ponto, a fim de que as seitas não possam intentar a execução de seus culpáveis projetos. Porém é necessário lamentar-se de que o zelo da Santa Sé não tem obtido os efeitos que Ela esperava, e de que estes homens perversos não desistiram de sua empresa, da qual tem resultado todos os males que temos visto. Ainda mais: estes homens se atreveram a formar novas sociedades secretas.

Neste ponto, é necessário assinalar aqui uma nova sociedade, formada recentemente, e que se propaga pela Itália e por outros países: embora dividida em diversos ramos e levando diversos nomes, segundo as circunstâncias, é una, tanto pela comunhão de opiniões e de pontos de vista, como por sua constituição; na maioria das vezes ela aparece designada sob o nome de “Carbonários”. Eles simulam um singular respeito e um certo zelo extraordinário para com a Religião Católica e para com a pessoa e a doutrina de Jesus Cristo, nosso Salvador, que algumas vezes tem a audácia sacrílega chamá-lo Ministro e grande Mestre dessa sociedade. Porém esses discursos, que parecem suaves como o azeite, não passam de dardos disparados com firmeza, do qual se servem esses homens pérfidos, para ferir os mais incautos, apresentando-se com a aparência de cordeiro, mas que por dentro são lobos vorazes.

Mesmo que falte outros argumentos, o seguinte é suficiente para persuadir de que não se deve dar qualquer credibilidade às suas palavras, ou seja: o severíssimo juramento com o qual, imitando em grande parte os antigos Priscilianistas, prometem não revelar, sob hipótese alguma, àqueles que não estão matriculados na sociedade, tudo o que se relaciona com esta mesma sociedade, nem de comunicar com aqueles que estão nos graus inferiores qualquer coisa que diga respeito aos graus superiores; além disso, as reuniões secretas e ilegais que eles convocam, seguindo o costume de muitos hereges, e a cooptação de pessoas de todas as religiões e todas as seitas na sua sociedade.

Não há necessidade, portanto, de conjecturas e argumentos para julgar as suas declarações, como está dito acima. Os livros publicados por eles (no qual descrevem o método que é habitualmente seguido nas reuniões dos graus superiores), seu catecismo, seus estatutos e seus outros documentos sérios, autênticos, destinados a inspirar confiança, e os testemunhos daqueles que, tendo abandonado a sociedade à qual anteriormente pertenciam, revelando a juízes legítimos seus erros e fraudes, demonstram claramente que os carbonários destinam-se, sobretudo, a dar plena licença a qualquer um de criar uma religião de acordo com suas fantasias e opiniões, sistema tal, que talvez não poderia imaginar-se outro mais perigoso; em profanar e manchar com algumas de suas criminosas cerimônias a Paixão de Jesus Cristo; em desprezar os Sacramentos da

Igreja (aos quais substituem por outros novos, inventados por eles, cometendo assim um horrível sacrilégio) e os próprios Mistérios da Religião Católica; em subverter esta Sé Apostólica, na qual reside desde sempre o primado da Cátedra Apostólica[18], animados de um ódio singular, tramando propósitos funestos e perniciosos.

Os preceitos de moral dados pela sociedade dos carbonários não são menos culpáveis, como provam esses mesmos documentos, embora ela altivamente se vanglorie de exigir de seus sectários que amem e pratiquem a caridade e as outras virtudes, e se abstenham de todo vício. Assim, ela favorece abertamente o prazer dos sentidos; ensina que é permitindo matar aqueles que revelem o segredo do qual Nós temos falado mais acima, e embora Pedro, o príncipe dos Apóstolos recomende aos cristãos "o submeter-se por Deus, a toda criatura humana que Ele estabeleça por cima deles, seja o Rei, como o primeiro do Estado, seja aos magistrados, como a enviados do Rei, etc.[19]"; e embora o Apóstolo São Paulo ordene "que todo homem esteja sujeito aos poderes elevados[20]", no entanto esta sociedade ensina que está permitido provocar revoltas para despojar de seu poder aos reis e a todos os que governam, aos quais lhes dá o injurioso nome de tiranos.

Estes são os dogmas e os preceitos desta sociedade, e tantos outros de igual teor. Daí os atentados ocorridos ultimamente na Itália, devidos aos carbonários, atentados que têm afligido aos homens honestos e piedosos. E embora tenhamos Nós já expressamente proibido esta sociedade, por dois editos saídos de nossa Secretaria de Estado, Nós pensamos, a exemplo de nossos predecessores, que devem decretar-se solenemente severas penas contra esta sociedade, sobretudo porque os carbonários pretendem que não podem ser atingidos pelas Constituições de Clemente XII e Bento XIV, nem estar sujeitos às penas ali determinadas.

Em consequência, Nós que estamos constituídos sentinelas da casa de Israel, que é a Santa Igreja; Nós, que em virtude de nosso ministério pastoral, temos obrigação de impedir que padeça perdido algum rebanho do Senhor, que por divina disposição nos têm sido confiado, jugamos que, em causa tão grave, nos está prescrito reprimir os impuros esforços desses perversos. A isso nos excita o exemplo de nossos predecessores Clemente XII e Bento XIV, de feliz memória. O primeiro deles, com sua Constituição *In Eminenti*, de 28 de abril de 1738, e o segundo, com sua *Providas*, de 18

de maio de 1751, condenaram e proibiram as associações de franco-maçons, com qualquer nome que se reuniram, segundo a diversidade de países e idiomas. É de se crer que a associação dos carbonários seja um pedúnculo, ou ainda uma imitação dos franco-maçons. E embora tenhamos proibido rigorosamente essas associações por dois editos de nossa Secretaria de Estado, publicados já, contudo, imitando a nossos predecessores, cremos dever decretar severas penas contra ela de modo mais solene, especialmente porque os carbonários sustentam, sem razão, que não se encontram abrangidos nas duas mencionadas constituições de Clemente XII e Bento XIV, nem sujeitos às sentenças e penas que nelas se impõem.

Por conseguinte, depois de consultar uma congregação composta por nossos Veneráveis Irmãos, os Cardeais da Santa Igreja Romana, por seu conselho, e também de *moto proprio*, de ciência certa e madura deliberação, pela presente Autoridade Apostólica, estabelecemos e decretamos que a sobredita sociedade dos carbonários, embora em outras partes se denomine com outros nomes, suas assembleias, reuniões, agregações, juntas ou conciliábulos, sejam proibidas e condenadas, como os condenamos e proibimos com a presente Constituição, que terá força e vigor perpetuamente.

Eis o porquê proibimos rigorosamente e em virtude de santa obediência, a todos e a cada um dos fiéis de Jesus Cristo, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade e preeminência, sejam leigos, eclesiásticos, seculares ou regulares, dignos de menção particular e individual, e de expressa designação, que não tenham, sob nenhum pretexto, a audácia e a presunção de entrar em dita sociedade dos carbonários ou como queira que se chame, de propagá-la, favorecê-la, recebê-la ou escondê-la em sua casa, em sua morada ou em outra parte; de afiliar-se ou receber algum grau, assistir a suas reuniões, de dar-lhes poder ou meios de reunir-se em qualquer lugar, de prestar-lhe algum favor, de dar-lhe conselho ou apoio, de favorecê-la abertamente ou em segredo, direta ou indiretamente, por si ou por outros, de qualquer modo que seja isto; como também aconselhar, insinuar, sugerir, persuadir a outros que entrem nesta Sociedade, de receber nenhum grau, de alistar-se, assistir a suas reuniões, ajudá-la e favorecê-la de qualquer maneira que for isto; Nós lhes prescrevemos que se apartem de

dita Sociedade, de suas assembleias, reuniões, agregações ou conciliábulos, sob pena de excomunhão em que incorre os infratores, e no mesmo feito e sem outra declaração, excomunhão pela qual ninguém, a não ser no momento de morte, poderá receber o benefício da absolvição de outro do que de Nós mesmo ou do Pontífice Romano então existente.

Além disso, prescrevemos a todos, sob a mesma pena de excomunhão, reservada a Nós e aos Romanos Pontífices Nossos Sucessores, a obrigação de denunciar aos Bispos, ou a outra autoridade competente, todos os que souberem ter aderido a esta sociedade ou que se são culpados de qualquer um dos crimes mencionados acima.

Finalmente, para apartar com mais eficácia todo perigo de erro, Nós condenamos e proibimos todos os catecismos, como lhes chamam os carbonários, e todos os livros nos quais eles descrevem as práticas usadas em suas assembleias, como em seus estatutos, códigos, e todos os livros escritos em sua defesa, sejam impressos ou manuscritos, e Nós proibimos a todos os fiéis, sob pena de excomunhão maior, ler ou guardar algum destes livros, e ordenamos que sejam entregues sem reserva aos Ordinários locais, ou àqueles que tenham direito de recebê-los.

Queremos, ainda mais, que se preste as cópias de Nossas presentes letras, ainda das impressas, firmadas da mão de um notário público e com o selo de uma pessoa constituída em dignidade eclesiástica, a mesma fé que se prestaria às letras originais, se fossem apresentadas.

Que a ninguém seja permitido infringir ou violar com temerária audácia este texto de Nossa declaração, condenação, mandato, proibição e interdição. Mas se alguém fosse bastante presunçoso, que atentasse contra elas, saiba que incorrerá na indignação de Deus Todo-Poderoso e dos Bem-Aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma, em Santa Maria Maior, no ano da Encarnação do Senhor 1821, aos treze de setembro, vigésimo segundo ano de Nosso Pontificado.

CONSTITUIÇÃO “*QUO GRAVIORA MALA*”, DE LEÃO XII

No dia 13 de Março de 1825 o Papa Leão XII condenou ainda de modo particular certas associações secretas universitárias e denunciou vigorosamente o ataque feito pela Maçonaria às verdades de fé. Transcrevemos a seguir a parte principal da Constituição.

Aplicamo-nos ao exame do estado, do número e da força das associações secretas, verificando logo que a sua audácia se tinha aumentado com a adjunção de novas seitas, que com elas se irmanaram. Prendeu-nos a atenção de modo particular a que se denomina Universitária, e estabeleceu a sua sede em diversas universidades, onde a mocidade, em lugar de ser instruída, é pervertida por mestres iniciados em mistérios, que merecem chamados de iniquidades e formados em todo o gênero de crimes.

É este o motivo por que as sociedades secretas não cessaram ainda os seus condenados esforços, apesar de ser tanto tempo decorrido depois que pela primeira vez acenderam na Europa o facho revolucionário, e a despeito das brilhantes vitórias sobre elas alcançadas pelos mais poderosos príncipes, tão brilhantes que esperávamos lhes dessem cabo. Não é para se temer haja novas perturbações e novas sedições ainda naquelas partes, em que parecia ter serenado a tempestade? Não se devem temer os ímpios punhais, que destinaram à morte? Quantas lutas terríveis não tem sustentado a autoridade, para manter a tranquilidade pública?

A essas seitas devemos ainda atribuir as tristes calamidades que afligem a Igreja, e cuja lembrança nos sangra o coração com dor profunda. Atacam audaciosamente os seus dogmas e os seus mais sagrados preceitos; procuram aviltar a sua autoridade; e a paz, de que por direito devia gozar, quase podemos dizer que é, não somente perturbada, mas destruída.

Não se pense que falsa e caluniosamente atribuímos às associações secretas estes males e mais outros que passamos em claro. As obras sobre a religião e sobre a república que seus membros ousam dar à luz da publicidade, seus desprezos para com a autoridade, seu ódio à soberania, seus ataques contra a divindade de Jesus Cristo, o materialismo que

professam, seus códigos e estatutos, pondo às claras seus projetos e intentos, provam o que relatamos sobre seus esforços para derrubarem os príncipes legítimos e aluírem os fundamentos da Igreja. E o que é igualmente certo é que essas diversas associações, posto tenham denominações diferentes, estão coligadas entre si para realizarem seus infames projetos.

Nestas circunstâncias julgamos ser nosso dever condenar de novo tais associações secretas, para que nenhuma delas possa pretender estar fora de nossa sentença apostólica e servir-se deste meio para imbuir em erro homens fáceis de enganar. Assim, depois de termos ouvido o parecer de nossos Irmãos, os Cardeais da Santa Igreja Romana, com conhecimento certo e depois de maduras reflexões, e debaixo das penas infligidas nas Bulas de nossos predecessores, as quais confirmamos, proibimos todas as associações secretas, tanto as que de presente se acham formadas, como as que se possam formar futuramente, e as que concebem contra a Igreja, e contra toda a autoridade legítima, os projetos que acabamos de assinalar.

ENCÍCLICA “*TRADITI HUMILITATI NOSTRAE*”, DE PIO VIII

O Papa Pio VIII, no dia 24 de Maio de 1829 publica sua encíclica condenando as sociedades secretas, e assim como seus antecessores adverte sobre os perigos destas seitas tanto para a Igreja, quanto para o Estado.

Veneráveis Irmãos, Saúde e Bênção Apostólica.

Prestes a dirigir-Nos à Basílica de Latrão, segundo o costume de Nossos antecessores, para dar início ao pontificado concedido à Nossa humildade, com alegria abrimos o coração a vós, Veneráveis Irmãos, dados a Nós por Deus como auxiliadores no desempenho de tão grande ofício. Apraz-nos dar-vos a conhecer os íntimos sentimentos de Nossa vontade e julgamos útil à causa cristã comunicar-vos estas coisas, sabendo que não somente aos cordeiros, que são o povo cristão, mas também às ovelhas, que são os Bispos, é dever de Nosso ministério apascentar, guiar e governar.

Exultamos de todo o coração e bendizemos ao Príncipe dos pastores por ter-vos posto à frente de Seu rebanho como pastores, animados que estais unicamente pela solicitude e pelo desejo de conduzi-lo no caminho da justiça, sem deixar perder um só dos que recebestes do Pai. Pois bem conhecemos, Veneráveis Irmãos, vossa inquebrantável fé, vosso zelo pela religião, vossa santidade de vida e vossa singular prudência. É, pois, motivo de felicidade e confiança para Nós, para a Igreja e para esta Santa Sé contar com a coroa de tão irrepreensíveis cooperadores; essa aprazível condição Nos encoraja em meio ao temor que sofremos diante da grande responsabilidade de Nosso ofício e Nos fortalece em face da inquietude que sentimos por tantas e tão sérias aflições.

Não Nos alongaremos lembrando-vos o que se requer para o bom cumprimento dos sagrados deveres, ou o que prescrevem os cânones para que ninguém se aparte da vigilância de seu rebanho, nem quanta atenção se deve pôr na preparação e na aceitação dos ministérios. Antes, invocamos a Deus, nosso Salvador, para que vos proteja com Sua onipresente divindade, abençoando com feliz êxito vossas atividades e vossos esforços.

Embora, porém, Deus Nos conforte com vossa coragem, muito nos entristecem os inumeráveis erros e o ensino de perversas doutrinas que, não mais secreta e clandestinamente, mas aberta e vigorosamente, atacam a fé católica. Sabeis de que modo homens perversos levantaram o estandarte de revolta contra a religião por meio da filosofia (da qual se proclamaram doutores) e por vazias falácias tramadas a partir da razão natural. Perseguem, antes de tudo, esta Sé Romana, e de pouco em pouco os laços de unidade vão sendo rompidos; a autoridade da Igreja se enfraquece, e os sagrados ministros se veem isolados e desprezados. Rejeitam-se os santos preceitos, ridiculariza-se a celebração dos divinos ofícios, e o culto de Deus é execrado pelos pecadores; enfim, tudo o que concerne à religião é tido por velha fábula e vã superstição. Verdadeiramente “leões rugiram em Israel”; verdadeiramente “conspiraram contra o Senhor e contra Seu Cristo”; verdadeiramente dizem os ímpios: “arrasai, arrasai a Jerusalém até os fundamentos”.

Entre tais heresias se encontra o sórdido artifício dos sofistas destes tempos que não admitem qualquer diferença entre as diferentes profissões de fé e julgam que as portas da salvação eterna se abrem para todos, independentemente de sua religião. Eles, pois, rotulam de levianos e néscios aqueles que abandonam a religião em que haviam sido educados para abraçar uma outra, mesmo a Religião Católica. Eis, certamente, uma monstruosa impiedade, que rende os mesmos louvores à verdade e ao erro, à virtude e ao vício, à bondade e à torpeza. Mortal, de fato, é essa indiferença religiosa, e refuta-a até mesmo a luz da razão natural, uma vez que, discordando tão frequentemente entre si as várias religiões, se uma é verdadeira, a outra deve ser falsa, sem que nenhuma comunhão possa haver entre as trevas e a luz. Contra esses experientes sofistas, deve-se ensinar ao povo que a profissão da fé católica é a única verdadeira, como afirma o apóstolo: “um só Senhor, uma só fé, um só batismo”. Como costumava dizer São Jerônimo, “aquele que come o cordeiro fora desta casa perecerá como aqueles que no dilúvio não estavam com Noé na arca”. Verdadeiramente, “nenhum outro nome senão o de Jesus foi dado aos homens para que se salvem”; e “aquele que crê será salvo, mas o que não crer será condenado”.

Devemos também precaver-nos contra aqueles que publicam novas traduções da Bíblia, astutamente distorcendo seu sentido com aberrantes interpretações, contra as salutares leis da Igreja. Tais versões, produzidas a custos exorbitantes, são distribuídas gratuitamente, também aos mais ignorantes, e raramente vêm sem escritos perversos, pelos quais aos leitores se dá a beber de um veneno letal como se bebessem das águas da sabedoria salvífica. Já há tempos a Sé Apostólica advertiu o povo cristão sobre esse atentado contra a fé, e condenou os autores de tão perniciosas noções. Para isso se evocaram novamente todas as regras estatuídas pelo Concílio de Trento e as disposições da mesma Congregação do Índex, segundo as quais não se deve consentir com as versões em língua vernácula dos sagrados textos a não ser que aprovadas pela Sé Apostólica e acompanhadas de comentários extraídos dos Santos Padres. O sagrado Sínodo de Trento decretou, a fim de restringir os gênios imprudentes, que ninguém, baseando-se em sua própria prudência em assuntos de fé e moral concernentes à doutrina cristã, torcesse as Sagradas Escrituras a um sentido contrário ao da Santa Madre Igreja ou ao unânime consenso dos Padres. Ainda que tais maquinações contra a fé católica tivessem sido desmanteladas havia muito tempo por essas prescrições canônicas, Nossos recentes predecessores puseram especial empenho em reprimir a propagação desses males. Com tais armas vós também deveis combater as batalhas do Senhor, enquanto os sagrados ensinos correrem perigo, para que não se espalhe entre vossos rebanhos o veneno mortal.

Depois de abolir essa corrupção, é vosso dever, Veneráveis Irmãos, erradicar aquelas sociedades secretas de homens facciosos que, inimigos de Deus e das autoridades constituídas, se dedicam a procurar a ruína da Igreja, a destruição dos Estados e a desordem universal, e que, constrangendo a verdadeira religião, preparam o caminho para crimes abomináveis. Empenham-se eles em esconder sob as sombras de ritos arcanos a iniquidade de seus conciliábulos e, por isso, suscitam graves suspeitas de seu perverso intento, dispostos que estão a assaltar tanto a ordem sagrada quanto a ordem civil. Daí que Nossos predecessores, os Sumos Pontífices Clemente XII, Bento XIV, Pio VII e Leão XII, repetidamente excomungaram essas sociedades secretas com públicas cartas apostólicas, cujas disposições Nós confirmamos e ordenamos sejam diligentemente observadas. Desse modo,

cuidaremos que a Igreja e o Estado não sofram dano algum das maquinações de tais seitas e invocamos vossa quotidiana assistência nesta empresa, de maneira que, trajando a armadura da constância e consolidando a unidade dos espíritos, possamos sustentar nossa causa comum, ou melhor, a causa de Deus, a saber, destruir os bastiões erguidos pela pútrida impiedade dos maus.

Queremos fazer-vos conhecer outra sociedade secreta organizada há não muito tempo para a corrupção dos jovens educados nos colégios. Seu astucioso propósito é engajar maus professores que, ensinando-lhes doutrinas contrárias a Deus, conduzam os estudantes pelos caminhos de Baal, bem sabendo eles que as mentes e os costumes dos alunos são plasmados nos preceitos dos mestres. Sua influência já é tão persuasiva que se perdeu todo temor da religião e foi abandonada toda disciplina de moral, contestada a santidade da pura doutrina, e escamoteados os direitos dos poderes sagrados e civis. Nem se envergonham eles de tão desgraçado crime, tanto que, com São Leão Magno, podemos dizer deles que “a sua lei é a prevaricação; sua religião, o demônio; e seu sacrifício, a desgraça”. Apartai estes males de vossas dioceses; empenhai-vos em indicar, para o ensino de vossos jovens, homens eminentes não só por sua cultura literária, mas sobretudo pela pureza de vida e de piedade.

Vigiai também com mais atenção os seminários, de cuja administração os padres de Trento vos fizeram responsáveis. Deles devem sair homens que, bem instruídos tanto na disciplina cristã e eclesiástica quanto nos princípios da sã doutrina, distingam-se de tal modo por sua piedade e por seu ensino, que seu ministério seja apreciado até pelos profanos, e sejam capazes de repreender, com virtuosas palavras, aqueles que se desviaram do caminho da justiça. Cuidai em escolher bem os seminaristas, sabendo que a salvação do povo depende sobretudo de bons pastores, e que nada contribui mais para a ruína das almas do que clérigos ímpios, fracos ou mal formados.

Os hereges disseminaram por toda a terra livros pestilentos pelos quais se propagam, como um câncer, os ensinos dos ímpios. Para combater essa peste mortífera, não poupeis labor algum, mas sede admoestados pelas palavras de Pio VII, segundo as quais o rebanho deve considerar como único alimento aquele que lhes seja enviado pela autoridade de São Pedro,

tendo por nociva e pestilenta toda comida de outros pastos, sem jamais se deixar enganar por sua aparência e perverter por suas seduções.

Queremos, outrossim, que inculqueis em vosso rebanho a reverência pela santidade do matrimônio, de maneira que nada se faça que atente contra a dignidade deste sacramento, ou que ofenda a pureza do leito nupcial, ou que possa insinuar alguma dúvida sobre a indissolubilidade do vínculo matrimonial. Tal fim se alcançará se o povo cristão for acuradamente ensinado que o sacramento do matrimônio deve governar-se não só pelas leis humanas, como também pela lei divina, e que deve ser contado não só como realidade terrena, mas também como um bem sagrado, totalmente sujeito à Igreja. De fato, o vínculo conjugal, que antes não tinha outro propósito que o de gerar filhos e de continuar a espécie, foi elevado à dignidade de sacramento por Cristo Senhor e enriquecido com celestiais dons: desde então, mais do que gerar uma prole, seu propósito é educá-la para Deus e para a religião, aumentando o número dos adoradores do Deus verdadeiro. Segue que a união matrimonial, da qual Deus é autor, representa a perpétua e sublime união de Cristo com Sua Igreja, e que essa estreitíssima união entre os esposos é um sacramento, isto é, um sinal sagrado do amor imortal do Senhor por Sua esposa. Por isso, deveis ensinar o que foi sancionado e o que foi condenado pelas regras da Igreja e pelos decretos dos Concílios; explicai também o que concerne à essência do sacramento, para que o povo obre de modo a conseguir a virtude do sacramento e não ouse realizar o que a Igreja tenha reprovado.

Agora sabeis, irmãos, o que provoca tanta aflição em Nós – em Nós, que, posto sobre o trono do Príncipe dos Apóstolos, devemos encher-nos de amor por toda a casa de Deus. Ajuntam-se outras preocupações, não menos graves, que demoraria enumerar aqui, mas que seguramente conheceis. Podemos Nós, entretanto, calar-Nos quando a causa cristã padece em tão intrincadas conjunturas? Sucederá porventura que, impedidos por motivos humanos, ou entorpecidos pela indolência, suportaremos em silêncio que seja dilacerada a túnica de Cristo Salvador, aquela túnica que sequer os soldados no Calvário ousaram dividir? Não, não aconteça, caríssimos, que ao rebanho disperso venha a faltar a proteção do pastor amoroso e solícito! Não duvidamos de que havereis de fazer ainda mais do que aqui vos pedimos, nem que vos empenhareis com

preceitos e conselhos, com obras e zelo, para favorecer, difundir e proteger a Fé católica.

Agora, na dureza da presente condição, devemos, antes de tudo, elevar orações com o maior fervor, suplicando ardentemente a Deus que, restaurada a penitência de Israel, em todas as partes floresça a santa Religião e permaneça inabalável a verdadeira felicidade dos povos. Digne-Se o Pai das misericórdias, volvendo um olhar propício para os dias de Nosso ministério, custodiar e iluminar o pastor de Seu rebanho! Queiram os poderes constituídos favorecer, com ânimo generoso e elevado, Nossos cuidados e esforços, promovendo vigorosamente, com a ajuda de Deus, a prosperidade e segurança da Igreja afligida por tantos males.

Tudo isso imploremos humildemente a Maria Santíssima, Mãe de Deus, que proclamamos vitoriosa, só Ela, de todas as heresias e que agradecidamente saudamos com o título de “Auxílio dos cristãos”, neste dia em que se rememora o retorno de Nosso beatíssimo predecessor Pio VII a esta cidade de Roma após tribulações de todo gênero.

Também peçamos a Pedro, Príncipe dos Apóstolos, e a Paulo, seu coapóstolo, que não Nos permitam sofrer distúrbio algum, a Nós que estamos firmemente estabelecido sobre a rocha da Igreja por vontade do Príncipe dos Pastores, Nosso Senhor Jesus Cristo. D’Ele invocamos sobre Vossa fraternidade e sobre os rebanhos a vós confiados os mais abundantes dons de graça, de paz e de alegria, enquanto, em sinal de Nosso afeto, de todo o coração vos damos a bênção apostólica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, aos vinte e quatro de maio do ano de 1829, primeiro de Nosso pontificado.

ALOCUÇÃO “*MULTIPLICES INTER MACHINATIONES*”, DE PIO IX

Tem-se dito que o Papa Pio IX era maçom. Entretanto, precisamente este Pontífice, em mais de vinte documentos renovou a condenação da Maçonaria. Eis alguns: Na encíclica *Qui Pluribus* de 1846; na alocução *Quibus Quantisque* de 1849; na encíclica *Noscitis et Nobiscum* de 1849; na alocução *Singulari Quadam* de 1854; na alocução *Máxima quidem Laetitia* de 1862; na encíclica *Quanto Conficiamur* de 1863; na alocução *Multiplices inter Machinationes* de 1865; na constituição *Apostolicae Sedis* de 1869; na encíclica *Etsi multa Luctuosa* de 1873; na carta *Exortae in ista Ditione* de 1876. O texto que a seguir daremos, foi pronunciado no Consistório de 25 de Setembro de 1865.

Entre as muitas maquinações e artifícios pelos quais os inimigos do nome cristão têm ousado atacar a Igreja de Deus e procurado, ainda que debalde, abatê-la e destruí-la, devemos contar sem dúvida alguma aquela perversa sociedade de homens, vulgarmente chamada maçonaria, a qual, a princípio contida nas trevas e na obscuridade, acabou por manifestar-se para ruína comum da religião e da sociedade humana.

Desde que os nossos predecessores, os Pontífices Romanos, fiéis ao seu ofício pastoral, desmascararam suas fraudes e insídias, julgaram que não havia tempo a perder para reprimi-la por sua autoridade, fulminando anátema e exterminando a essa seita que respira crimes e ataca as coisas santas e públicas.

Assim, nosso predecessor Clemente XII, por suas Letras Apostólicas, proscreveu e reprovou a mesma seita; advertiu a todos os fiéis não só que não se associassem a ela, mas também que não a propagassem e a animassem de qualquer maneira que fosse, sob pena de excomunhão reservada ao Pontífice Romano.

Bento XIV confirmou por sua Constituição essa justa e legítima sentença de condenação e não deixou de exortar os soberanos católicos a que consagrem todas as suas forças e solicitude em reprimir essa seita profundamente perversa e em defender a sociedade contra o perigo comum. Prouvera a Deus que esses soberanos tivessem atendido às palavras de nosso predecessor! Prouvera a Deus que em negócio tão grave não tivessem eles obrado com tanta fraqueza! De certo não teríamos nunca tido, nem tão pouco nossos antepassados, que deplorar tantas sedições, tantas guerras

incendiárias que conflagraram toda a Europa, nem tantos e tão acerbos males que têm afligido e ainda hoje afligem a Igreja.

Mas o furor dos perversos longe de abrandar-se, Pio VII, nosso predecessor, anatematizou uma seita de origem recente, a dos carbonários, a qual se propagou principalmente na Itália, onde tinha muitos adeptos. E inflamado do mesmo zelo pelas almas, Leão XII condenou por suas Letras Apostólicas não só as sociedades secretas, que acabamos de mencionar, senão também todas as outras, qualquer que fosse o seu nome, que conspirassem contra a Igreja e o poder civil, e severamente as proibiu a todos os fiéis sob pena de excomunhão.

Todavia, esses esforços da Sé Apostólica não tiveram os sucessos que se deviam esperar. A seita maçônica de que falamos nem foi vencida nem coibida, pelo contrário tanto se tem desenvolvido, que nestes difíceis tempos apresenta-se por toda parte impunemente e ergue a fronte mais audaciosa do que nunca.

Desde logo julgamos necessário voltar sobre este assunto, visto que, em virtude da ignorância em que talvez estejam muitos a respeito dos iníquos desígnios que se tratam nessas reuniões clandestinas, poderiam crer falsamente que a natureza dessa sociedade é inofensiva, que ela não tem outro fim que socorrer os homens e ajudá-los em suas adversidades e que enfim nada há a temer da parte dela para a Igreja de Deus.

Quem, entretanto, não vê quanto esse modo de pensar está longe da verdade? Que pretende então essa associação de homens de todas as religiões e crenças? Para que essas reuniões clandestinas, esse juramento tão rigorosamente exigido dos iniciados, que prometem nunca revelar o que possa dizer-lhes respeito? Por que, finalmente, essa inaudita atrocidade de penas a que se votam os iniciados no caso em que venham a faltar à fé do juramento?

Certamente deve ser ímpia e criminosa a sociedade que foge do dia e da luz. Quão diferentes dessas são as pias associações dos fiéis que florescem na Igreja Católica! Aqui nada há de oculto, nada de segredo. Os regulamentos que as regem estão aos olhos de todos e todos podem ver também as obras de caridade praticadas segundo a doutrina da Igreja. Com dor de Nossa alma temos visto em alguns lugares perseguidas, destruídas até, estas associações

de fiéis, tão salutares, tão beneficentes, próprias para excitarem a piedade, ao passo que se protege, ou ao menos tolera-se, a tenebrosa seita maçônica, inimiga jurada da Igreja e de Deus e tão perigosa para a segurança dos reinos.

Confrange-se-nos o ânimo, Veneráveis Irmãos e uma dor profunda sangra-nos o coração, ao vermos indiferentes e quase adormecidos, quando lhes cumpre reprovar esta seita, conforme as Constituições Apostólicas, muitos daqueles cujas funções deviam torná-los vigilantes e cheios de ardor em assunto de tanta importância. Se alguém pensa que as Constituições Apostólicas, anatematizando as seitas ocultas, seus adeptos e fatores, não vigoram nos países onde elas são toleradas pela autoridade civil, labora em grande e lamentável erro. Acaso o soberano poder de apascentar e dirigir o rebanho universal, poder que os Romanos Pontífices receberam de Jesus Cristo na pessoa do bem-aventurado Pedro, deve depender da autoridade civil, podendo esta cerceá-lo e restringi-lo a seu sabor?

Nesta conjuntura, receando que homens incautos e sobretudo a mocidade não se deixem enganar e que o nosso silêncio dê lugar a alguém para proteger o erro, resolvemos erguer a nossa voz apostólica e dizer: Reprovamos e condenamos a sociedade maçônica e as outras do mesmo gênero que, sendo diferentes na aparência, formam-se todos os dias com o mesmo fim, e conspiram patente ou clandestinamente contra a Igreja e os poderes legítimos. E ordenamos sob as mesmas penas já especificadas nas Constituições dos nossos predecessores, a todos os cristãos, de qualquer condição, grau ou dignidade de qualquer país que tenham essas sociedades como proscritas e reprovadas por nós.

CARTA *“QUAMQUAM DOLORES”*, A DOM FREI VITAL, DE PIO IX

É conhecida a “questão religiosa” no Brasil, provocada por um inevitável atrito entre a Maçonaria e, principalmente. Dom Frei Vital, apostólico e zeloso Bispo de Olinda. Nesta oportunidade o Papa Pio IX, com a data de 29 de Maio de 1873, dirigiu a Dom Vital a seguinte veneranda carta:

Venerável Irmão, Saúde e Bênção Apostólica.

Conquanto exacerbasse nossas mágoas o que nos expusestes acerca do vírus maçônico por aí de tal sorte derramado, que até as próprias irmandades religiosas tem invadido e algumas delas corrompido completamente; não podemos deixar de louvar a confiança com que depositastes em nosso coração a dor pungente que por este motivo sentis, bem como o zelo com que vos empenhastes e ainda vos empenhais em obviar a tão grande mal. É essa peste antiga, que a seu tempo já foi profligada pela Igreja e denunciada, ainda que sem fruto algum, aos povos e aos seus imperantes, que por causa dela corriam perigo. Já desde o ano de 1738, Clemente XII, de veneranda memória, lastimou em sua Encíclica *In Eminenti*, de 28 de Abril, “progredissem por toda parte algumas sociedades, vulgarmente chamadas “dos maçons”, nas quais homens de todas as religiões e seitas, contentando-se com fementida aparência de honestidade, coligam-se em estreita e impérvia aliança” devendo-se empregar toda a vigilância “para que semelhante gente, como fazem os ladrões, não arrombe as portas da casa, e à maneira das raposas, não tente estragar as vinhas”, proibiu tais conventículos, qualquer que fosse o seu nome, mandando a todo e qualquer fiel deles se afastasse, sob pena de excomunhão *incurrenda ipso facto*, sem mais declaração alguma, da qual não possa ser absolvido senão pelo Romano Pontífice, salvo em artigo de morte.

Essa Constituição Bento XIV, seu sucessor, depois inseriu-a e mais amplamente explicou-a em sua Encíclica *Provida*, de 16 de Março de 1751, confirmando as penas e decretos estatuídos pelo seu predecessor. Não obstante, essa ímpia sociedade, dividida em várias seitas, diversamente

denominadas, unidas, porém pela mesma ideia e pela mesma iníqua maldade, foi sempre crescendo ocultamente até que, largamente propagada, e sobremodo aumentadas as suas forças, rebentando de seus antros, pôde patentear-se e mostrar aos homens assisados com quanta razão fora condenada pelos atalaias de Israel.

Tornou-se, pois, patente, pelos seus catecismos, suas constituições e suas obras que é propósito seu acabar com a Religião Católica, e por isso mover guerra à Cátedra Apostólica, centro da unidade; derrubar toda a autoridade humana, constituir o homem autônomo, independente de qualquer lei, desligando-o de todo vínculo de família e unicamente escravo das suas paixões. Bem revelaram este satânico espírito da seita as truculentas revoluções da França que, no fim do século passado, abalaram o mundo inteiro e manifestaram como inevitável a completa dissolução da sociedade humana, se não fossem enfraquecidas as forças dessa tão ímpia seita.

Pelo que Pio VII, de santa memória, com a sua Encíclica *Ecclesiam*, expedida a 13 de Setembro de 1821, não só tornou evidente aos olhos de todos a índole, a malícia, o perigo de tais sociedades, como até reiterou, e com maior gravidade, a condenação e as penas espirituais, contra os seus membros, cominadas pelos seus antecessores. Tudo isto foi depois confirmado, já por Leão XII, de feliz memória, em suas Letras Apostólicas *Quo Graviora* de 13 de Março de 1826, já por Nós mesmo na Encíclica *Qui pluribus* de 9 de Novembro de 1846.

Portanto, depois de tão repetidos decretos da Igreja, munidos de gravíssimas sanções, depois de manifestados os atos dessas ímpias sociedades, os quais revelaram os verdadeiros intentos das mesmas, depois das desordens, calamidades e inúmeras carnificinas perpetradas por elas em toda parte e de que insolente e impudentemente se gloriam em escritos públicos; por certo que nenhuma desculpa pareceria aproveitar àqueles que lhe são filiados.

Todavia, considerando Nós que estas malvadas seitas não revelam seus mistérios senão àqueles que, por sua impiedade, se mostram aptos e capazes de recebê-los, exigindo, em consequência, de seus adeptos, severíssimo juramento, pelo qual eles prometam nunca e em caso algum

descobrir, aos não-filiados à sociedade, coisa alguma concernente a ela, e assim também comunicar aos que estão nos graus inferiores aquilo que pertence aos graus superiores; acobertando-se a cada passo com a capa da beneficência e auxílio mútuo, e podendo assim facilmente iludir os incautos e inexpertos com aparência de fingida honestidade; pensamos que se deve achar um modo de usar misericórdia com esses filhos pródigos, cuja ruína deplorais, Venerável Irmão, a fim de que, atraídos por essa brandura, deixem os seus péssimos caminhos e volvam ao grêmio da Santa Madre Igreja, da qual vivem separados.

Portanto, lembrando-nos que nós fazemos as vezes daquele que não veio chamar os justos senão os pecadores, julgamos dever seguir os passos de nosso já citado Predecessor Leão XII, e por isso suspendemos, por espaço de um ano, depois que forem conhecidas estas Nossas Letras, a reservação das censuras em que incorreram os que deram o seu nome a estas seitas, podendo ser absolvidos por qualquer confessor, aprovado pelo Ordinário do lugar em que se acham. Mas se este remédio de clemência não servir para afastar os culpados de seu nefando propósito e retraí-los de seu gravíssimo crime, é nossa vontade que, passado o referido prazo de um ano, imediatamente reviva a reservação das censuras que por Nossa Autoridade Apostólica de novo confirmamos; e formalmente declaramos que nenhum, absolutamente, dos adeptos dessas sociedades fique imune dessas penas espirituais, sob qualquer pretexto, quer de sua boa-fé, quer da extrínseca aparência de probidade que as referidas seitas soem ostentar. Por conseguinte, ficam todos no mesmo perigo de eterna condenação enquanto a elas aderirem.

Além disso, vos concedemos pleno poder para procederdes com a severidade das leis canônicas contra aquelas irmandades que por essa impiedade tão torpemente viciaram a sua índole, dissolvendo-as completamente e criando outras que correspondam ao fim de sua primitiva instituição. Praza a Deus que a consideração da perversidade das seitas, nas quais não coram de inscrever-se tantos homens que se arrogam o nome de cristãos, a lembrança dos anátemas com que repetidas vezes foram feridas pela Igreja; a notícia da clemência desta Santa Sé para com os enganados, chegando por meio destas Letras aos ouvidos das ovelhas tresmalhadas, reconduza-as ao caminho da salvação, evite a ruína de

tantas almas e vos poupe a necessidade de usar de rigor. É o que nós, com fervorosas preces, pedimos a Deus; é o que ardentemente desejamos ao vosso zelo pastoral; é o que rogamos a todos esses nossos filhos iludidos.

E porque os mesmos votos estendemos a todas as demais dioceses desse Império, onde grassam os mesmos males, desejamos comuniqueis estas Letras aos vossos Veneráveis Irmãos, a fim de que cada um deles entenda ser dito a si e a seu povo tudo quanto ora vos escrevemos. E ao mesmo tempo que rogamos à Divina Clemência digne-se favorecer os nossos desejos e solicitudes, como presságio do auxílio divino e de todos os dons celestes, e juntamente em penhor de Nossa Benevolência, vos lançamos com toda efusão de nosso amor a vós, Veneráveis Irmãos, e a toda vossa diocese, a Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto a São Pedro, aos vinte e nove de Maio de 1873, e vigésimo oitavo ano de nosso Pontificado.

CARTA “*EXORTAE IN INSTA*”, SOBRE A MAÇONARIA NO BRASIL, DE PIO IX

Ainda por ocasião da questão religiosa entre a Maçonaria e alguns Bispos do Brasil, Pio IX dirigiu, em 1876, uma Carta Apostólica aos nossos Exmos. Srs. Bispos, na qual condena ainda explicitamente a Maçonaria Brasileira. Já antes, em carta a Dom Pedro II, com a data de 9 de Fevereiro de 1875 Pio IX escrevera: “Bem sei que absolutamente não diferem os maçons da América dos que aqui existem, e que têm as mesmas tendências, as mesmas regras, o mesmo objetivo e assim como estão condenados os maçons da Europa, não resta dúvida que incidem os maçons da América na mesma condenação”.

Veneráveis Irmãos, saúde e Bênção Apostólica.

As perturbações que nestes últimos anos apareceram nesse Império, provocadas pelos sectários da Maçonaria, que se haviam introduzido nas pias irmandades cristãs, assim como vos arrastaram, Veneráveis Irmãos, a um grave conflito, particularmente nas dioceses de Olinda e de Belém do Pará, assim também, como sabeis, sobremodo nos magoaram e afligiram o coração. Pois não era possível víssemos sem dor aquela perniciosa e pestífera seita, corrompendo as referidas irmandades, de modo que institutos criados para desenvolver o verdadeiro espírito de fé e piedade, por esta funesta cizânia largamente neles semeada, caíram em mísera condição.

Por isso pelo amor paternal que votamos a essa porção do rebanho do Senhor, entendemos que sem demora era mister acudir com o remédio a esse mal, e assim por Nossas Letras de 29 de Maio de 1873, dirigidas ao Venerável Irmão Bispo de Olinda, levantamos a voz profligando tão deplorável perversão nas irmandades cristãs, usando todavia de tal brandura e clemência para com os membros enganados e iludidos da seita maçônica, que, por tempo conveniente, suspendemos a reserva das censuras em que haviam incorrido, e isto a fim de que, aproveitando-se eles da Nossa Benignidade, detestassem os seus erros, e abandonassem as condenadas reuniões de que faziam parte. Demais, ordenamos ao nosso Venerável Irmão Bispo de Olinda, que se, passado aquele prazo, se não houvessem eles arrependido, suprimisse e declarasse supressas as referidas irmandades,

e as restaurasse inteiramente conforme ao fim primitivo de sua instituição, admitindo novos, imunes de todo o vírus maçônico.

Além disso tendo Nós, em desempenho de Nosso Cargo, procurado na Carta-Encíclica de l9 de Novembro de 1873, dirigida a todos os Bispos do orbe católico, premunir todos os fiéis contra as artes e insídias dos sectários, claramente lembramos-lhes, por essa ocasião, que as Constituições Pontifícias atingem não só as associações maçônicas estabelecidas na Europa, senão também todas quantas existem na América e nas demais regiões do orbe.

Não foi sem grande admiração, Veneráveis Irmãos, que vimos ao serem levantados por autoridade Nossa, na esperança de obter a salvação dos transviados, os interditos impostos nesse país a algumas igrejas e irmandades, compostas em grande parte de membros da maçonaria, tomar-se daí ocasião para divulgar que a sociedade maçônica existente nessas regiões estava excluída das condenações Apostólicas, e que, por conseguinte, podiam tranquilamente os mesmos sectários fazer parte das pias irmandades cristãs.

Quanto, porém, tais asserções distam da verdade e da Nossa intenção, bem claro o estão demonstrando não só os atos que acima temos relatado, senão também a Carta que em data de 9 de Fevereiro de 1875 escrevemos ao Sereníssimo Imperador dessa Nação, na qual prometemos-lhe Nós que seria tirado o interdito lançado a algumas igrejas dessas dioceses, logo que os Veneráveis Irmãos Bispos do Pará e Olinda, então detidos em injusto cárcere, fossem restituídos à liberdade; contudo ajuntamos esta reserva e condição, a saber, que os membros da maçonaria seriam removidos dos cargos que ocupam nas irmandades.

Com este Nosso modo de providenciar não podemos, nem podíamos ter outro propósito, senão, satisfeitos nesta parte os desejos do Imperador e restabelecida a tranquilidade dos ânimos, oferecer ao Governo Imperial a oportunidade de restituir ao antigo estado as pias confrarias, expurgando-as da infecção maçônica, e de concorrer assim para que os membros da seita condenada, movidos pela Nossa Clemência para com eles, tratassem de se apartar dos caminhos da perdição. Entretanto para que em assunto tão grave não possa restar dúvida alguma nem haver lugar a algum engano, Nós não omitimos nesta ocasião novamente declarar e confirmar que as sociedades

maçônicas, quer as que existem nesse país, quer em qualquer outra parte do mundo, sociedades que muitos, ou enganados ou enganadores, afirmam só terem em mira a utilidade e o progresso social, e o exercício da mútua beneficência, são proscritas e fulminadas pelas constituições e condenações apostólicas; e que todos os que desgraçadamente se alistarem nas mesmas seitas, incorrem *ipso facto* em excomunhão maior reservada ao Romano Pontífice.

Desejamos, porém, vivamente, Veneráveis Irmãos, que ou por vós mesmos, ou por vossos cooperadores admoesteis os fiéis a respeito de tão perniciosa peste, e vos esforceis por conservá-los imunes da influência dela, lançando mão de todos os meios a vosso alcance. E com não menor solicitude recomendamos ao Vosso zelo que, pela pregação da palavra de Deus e por oportunas instruções, e cuidadosamente se ensine a esse povo cristão a doutrina religiosa; pois bem sabeis a grande utilidade que desta parte do sagrado ministério, quando bem desempenhada, resulta para o rebanho cristão, e, quando negligenciada, os gravíssimos danos que daí procedem.

Além de quanto temos até aqui tratado, somos ainda forçados a deplorar o abuso de poder da parte daqueles que presidem às referidas irmandades, pois, como chegou ao Nosso conhecimento, tomando eles tudo à sua conta, atrevem-se a usurpar um direito indébito sobre as coisas e pessoas sagradas, e sobre o que é de origem espiritual, de modo que os Sacerdotes e os próprios Párocos, no exercício de suas funções, ficam totalmente sujeitos ao poder deles. Fato este que não só se opõe às leis eclesiásticas, senão à própria ordem constituída em sua Igreja por Nosso Senhor Jesus Cristo, pois não foram os leigos postos por Jesus Cristo para reitores das coisas eclesiásticas, mas devem por sua utilidade e salvação estar sujeitos a seus legítimos Pastores, lembrando-se cada um, conforme o seu estado, a coadjuvar o Clero sendo-lhe vedado ingerir-se naquelas coisas que foram por Jesus Cristo confiadas aos sagrados Pastores.

Assim, pois, nada reconhecemos mais necessário do que reformarem-se devidamente os estatutos das ditas irmandades, e que tudo o que nelas há de irregular e incongruente nesta parte se conforme convenientemente às leis da Igreja e à disciplina canônica.

Para atingir este fim, Veneráveis Irmãos, atendendo Nós às relações que existem entre as mesmas irmandades e o poder civil relativamente à constituição e administração delas na parte temporal, havemos oportunamente ordenado ao Nosso Cardeal Secretário de Estado que se entenda com o Governo Imperial; e de acordo com ele se esforce por conseguir os desejados efeitos. Confiamos que sobre este assunto o poder civil há de unir cuidadosamente os seus esforços aos Nossos, e com instâncias suplicamos a Deus, de quem procedem todos os bens, se digne promover e auxiliar com sua graça esta obra que interessa à paz da Religião e da sociedade civil.

A fim de vermos realizados estes votos, juntai vós também, Veneráveis Irmãos, as vossas preces às Nossas, e em penhor de Nosso sincero amor recebei a Bênção Apostólica que a vós, ao Clero e fiéis confiados a cada um de vós afetuosamente vos outorgamos no Senhor.

Dado em Roma, junto a São Pedro, aos vinte e nove de Abril de 1876, ano trinta do Nosso Pontificado.

ENCÍCLICA “*HUMANUM GENUS*”, DE LEÃO XIII

Um dos mais notáveis documentos contra as sociedades secretas, e particularmente contra a Maçonaria, é a Encíclica *Humanum Genus* de Leão XIII, de 20 de Abril de 1884. Embora longo, julgamos necessário apresentar o texto completo, pois suprirá todas as deficiências do nosso ensaio sobre a Maçonaria, principalmente na parte em que procuramos analisar e criticar a doutrina maçônica.

O Gênero Humano, após sua miserável queda de Deus, o Criador e Doador dos dons celestes, “pela inveja do demônio”, separou-se em duas partes diferentes e opostas, das quais uma resolutamente luta pela verdade e virtude, e a outra por aquelas coisas que são contrárias à virtude e à verdade. Uma é o reino de Deus na terra, especificamente, a verdadeira Igreja de Jesus Cristo; e aqueles que desejam em seus corações estar unidos a ela, de modo a receber a salvação, devem necessariamente servir a Deus e Seu único Filho com toda a sua mente e com um desejo completo. A outra é o reino de Satanás, em cuja possessão e controle estão todos e quaisquer que sigam o exemplo fatal de seu líder e de nossos primeiros pais, aqueles que se recusam a obedecer à lei divina e eterna, e que têm muitos objetivos próprios em desprezo a Deus, e também muitos objetivos contra Deus.

Este reino dividido Sto. Agostinho penetrantemente discerniu e descreveu ao modo de duas cidades, contrárias em suas leis porque lutando por objetivos contrários; e com sutil brevidade ele expressou a causa eficiente de cada uma nessas palavras: “Dois amores formaram duas cidades: o amor de si mesmo, atingindo até o desprezo de Deus, uma cidade terrena; e o amor de Deus, atingindo até o desprezo de si mesmo, uma cidade celestial”[21]. Em cada período do tempo uma tem estado em conflito com a outra, com uma variedade e multiplicidade de armas e de batalhas, embora nem sempre com igual ardor e assalto. Nesta época, entretanto, os *partisans* (guerrilheiros) do mal parecem estar se reunindo, e estar combatendo com veemência unida, liderados ou auxiliados por aquela sociedade fortemente organizada e difundida chamada os Maçons. Não mais fazendo qualquer

segredo de seus propósitos, eles estão agora abruptamente levantando-se contra o próprio Deus. Eles estão planejando a destruição da santa Igreja publicamente e abertamente, e isso com o propósito estabelecido de despojar completamente as nações da Cristandade, se isso fosse possível, das bênçãos obtidas para nós através de Jesus Cristo nosso Salvador. Lamentando estes males, Nós somos constrangidos pela caridade que urge Nosso coração a clamar frequentemente a Deus: "Ó Deus, eis que Teus inimigos se agitam; e os que Te odeiam levantaram as suas cabeças. Eles tramam um plano contra Teu povo, e conspiram contra Teus santos. Eles disseram: vinde, destruamo-nos, de modo que eles não sejam uma nação"[22].

Em uma crise tão urgente, quando tão feroz e tão forte assalto é feito sobre o nome Cristão, é Nosso ofício apontar o perigo, marcar quem são os adversários, e no máximo de Nosso poder fazer uma barreira contra seus planos e procedimentos, para que não pereçam aqueles cuja salvação está confiada a Nós, e para que o reino de Jesus Cristo confiado a Nosso encargo possa não só permanecer de pé e inteiro, mas possa ser alargado por um crescimento cada vez maior através do mundo.

Os Pontífices Romanos nossos predecessores, em sua incessante vigilância pela segurança do povo Cristão, foram rápidos em detectar a presença e o propósito desse inimigo capital tão logo ele saltou para a luz ao invés de esconder-se como uma tenebrosa conspiração; e, além disso, eles aproveitaram e tomaram providências, pois a eles isso competia, e não permitiram a si mesmos serem tomados pelos estratagemas e armadilhas armadas para enganá-los.

A primeira advertência do perigo foi dada por Clemente XII no ano de 1738[23], e sua constituição foi confirmada e renovada por Bento XIV[24]. Pio VII seguiu o mesmo caminho[25]; e Leão XII, por sua constituição apostólica, *Quo Graviora*[26], juntou os atos e decretos dos Pontífices anteriores sobre o assunto, e os ratificou e confirmou para sempre. No mesmo sentido pronunciou-se Pio VIII[27], Gregório XVI[28], e, muitas vezes, Pio IX[29]. Tão logo a constituição e o espírito da seita maçônica foram claramente descobertos por manifestos sinais de suas ações, pela investigação de suas causas, pela publicação de suas leis, e de seus ritos e comentários, com a frequente adição do testemunho pessoal daqueles que estiveram no segredo, esta sé apostólica denunciou a seita dos Maçons, e

publicamente declarou sua constituição, como contrária à lei e ao direito, perniciosa tanto à Cristandade como ao Estado; e proibiu qualquer um de entrar na sociedade, sob as penas que a Igreja costuma infligir sobre as pessoas excepcionalmente culpadas. Os sectários, indignados por isto, pensando em eludir ou diminuir a força destes decretos, parcialmente por desprezo, e parcialmente por calúnia, acusaram os soberanos Pontífices que os passaram ou de exceder os limites da moderação em seus decretos ou de decretar o que não era justo. Este foi o modo pelo qual eles esforçaram-se para eludir a autoridade e o peso das constituições apostólicas de Clemente XII e Bento XIV, e também de Pio VII e Pio IX[30]. Entretanto, na própria sociedade, encontraram-se homens que relutantemente concordaram que os Pontífices Romanos tinham agido dentro de seu direito, de acordo com a doutrina e disciplina Católica. Os Pontífices receberam a mesma concordância, em termos fortes, de muitos príncipes e chefes de governo, que tomaram como um dever ou delatar a sociedade maçônica à Sé Apostólica, ou por seu próprio acordo por leis específicas declará-la perniciosa, como, por exemplo, na Holanda, Áustria, Suíça, Espanha, Bavária, Savóia, e outras partes da Itália.

Mas, o que é da maior importância, o curso dos eventos demonstrou a prudência dos Nossos predecessores. Pois a sua providente e paternal solicitude não conseguiu sempre e em todo lugar o resultado desejado; e isto, ou por causa do fingimento e astúcia de alguns que eram agentes ativos na maldade, ou então da irrefletida leviandade do resto que deveria, em seu próprio interesse, ter dado ao assunto sua diligente atenção. Em consequência, a seita dos Maçons cresceu com uma velocidade inconcebível no curso de um século e meio, até que se tornou capaz, através de fraude ou audácia, de obter tal acesso em cada nível do Estado de modo a parecer quase a sua força governante. Este veloz e formidável avanço trouxe sobre a Igreja, sobre o poder dos príncipes, sobre o bem-estar público, precisamente aquele grave dano que Nossos predecessores tinham previsto muito antes. Tal condição foi atingida que de agora em diante haverá grave razão para temer, não realmente pela Igreja — porque sua fundação é firme demais para ser derrubada pelos esforços dos homens — mas por aqueles Estados em que prevalece o poder, ou da seita da qual

estamos falando ou de outras seitas não diferentes que curvam-se a ela como discípulas e subordinadas.

Por estas razões Nós, tão logo chegamos ao timão da Igreja, claramente vimos e sentimos ser Nosso dever usar Nossa autoridade em sua máxima extensão contra um mal tão vasto. Nós já por muitas vezes, conforme as ocasiões surgiram, atacamos alguns pontos principais dos ensinamentos que demonstraram de uma maneira especial a perversa influência das opiniões Maçônicas. Assim, em nossa carta encíclica, *Quod Apostolici Muneris*, Nós nos esforçamos por refutar as monstruosas doutrinas dos socialistas e comunistas; depois, em outra começando com *Arcanum*, Nós penosamente defendemos e explicamos a verdadeira e genuína ideia da vida doméstica, da qual o matrimônio é o ponto de partida e a origem; e novamente, naquela que começa com *Diuturnum*, Nós descrevemos a ideia de governo político conforme os princípios da sabedoria Cristã, que é maravilhosa em harmonia, por um lado, com a ordem natural das coisas, e, por outro lado, com o bem-estar tanto dos príncipes soberanos quanto das nações. É agora Nossa intenção, seguindo o exemplo de Nossos predecessores, tratar diretamente a própria sociedade maçônica, todo o seu ensinamento, seus objetivos, e a sua maneira de pensar e agir, de modo a trazer mais e mais à luz seu poder para o mal, e fazer o que Nós pudermos para deter o contágio desta peste fatal.

Há vários corpos organizados os quais, embora diferindo em nome, em cerimonial, em forma e origem, são contudo tão unidos por comunhão de propósito e pela similaridade de suas principais opiniões, de modo a formar de fato uma só coisa com a seita dos Maçons, a qual é um tipo de centro ao qual todos eles se dirigem, e do qual todos eles retornam. Agora, estes não mais mostram um desejo de permanecer escondidos; pois eles realizam seus encontros à luz do dia e à vista do povo, e publicam seus próprios jornais; e contudo, quando completamente compreendidos, descobre-se que eles ainda retêm a natureza e os hábitos de sociedades secretas. Há muitas coisas como mistérios que é regra fixa esconder com extremo cuidado, não somente de estranhos, mas de muitos e muitos membros, também; tais como seus desígnios secretos e últimos, os nomes de seus maiores líderes, e certos segredos e encontros privados, assim como suas decisões, e os caminhos e meios de executá-las. Este é, sem dúvida, o objetivo das múltiplas diferenças

entre os membros quanto a direito, cargo e privilégio, das distinções recebidas de ordens e graus, e da severa disciplina que é mantida.

Os candidatos são geralmente ordenados a prometer - e mais, com um especial juramento, a jurar - que eles não irão nunca, a nenhuma pessoa, em qualquer tempo ou de qualquer modo, dar a conhecer os membros, as senhas, ou os assuntos discutidos. Assim, com uma aparência externa fraudulenta, e com um estilo de fingimento que é sempre o mesmo, os Maçons, como os Maniqueístas de antigamente, esforçam-se, tanto quanto possível, para encobrir a si mesmos, e para não admitir testemunhas exceto seus próprios membros. Como uma maneira conveniente de disfarce, eles assumem o caráter de homens de letras e acadêmicos associados com o objetivo de aprender. Eles falam de seu zelo por um maior refinamento cultural, e de seu amor pelos pobres; e eles declaram que seu único desejo é a melhoria da condição das massas, e o compartilhamento com o maior número possível de pessoas de todos os benefícios da vida civil. Mesmo que estes propósitos fossem visados verdadeiramente, eles não são de modo algum o todo de seu objetivo. Ainda mais, para ser alistado, é necessário que os candidatos prometam e assumam ser daí em diante estritamente obedientes aos seus líderes e mestres com a mais completa submissão e fidelidade, e estar de prontidão para cumprir suas ordens à mais leve expressão de seu desejo; ou, se desobedientes, submeter-se aos mais penosos castigos e à própria morte. De fato, se algum é julgado ter traído as obras da seita ou ter resistido à ordens dadas, a punição é infligida neles não infrequentemente, e com tanta audácia e destreza que o assassino muito frequentemente escapa à detecção e punição de seu crime.

Mas fingir e desejar permanecer escondido; atar homens como escravos com as mais fortes correntes, e sem dar qualquer razão suficiente; usar homens escravizados aos desejos de outro para qualquer ato arbitrário; armar as mãos direitas de homens para o massacre após assegurar a impunidade pelo crime - tudo isso é uma enormidade diante qual a natureza recua. Por este motivo, a razão e a própria verdade tornam claro que a sociedade da qual nós estamos falando está em antagonismo com a justiça e a retidão natural. E isto se torna ainda mais claro, uma vez que outros argumentos, também, e muito evidentes, provam que ela é essencialmente oposta à virtude natural. Pois, não importando quão grande possa ser a

inteligência do homem em disfarçar e a sua experiência em mentir, é impossível evitar os efeitos de qualquer causa de mostrarem, de algum modo, a natureza intrínseca da causa da qual eles vêm. “Uma boa árvore não pode produzir mau fruto, nem uma árvore ruim produzir bom fruto”[31]. Agora, a seita maçônica produz frutos que são perniciosos e do mais amargo sabor. Pois, daquilo que Nós acima mostramos da maneira mais clara, aquele que é o seu propósito último força-a a se tornar visível - especificamente, a completa derrubada de toda a ordem religiosa e política do mundo que o ensinamento Cristão produziu, e a substituição por um novo estado de coisas de acordo com as suas ideias, das quais as fundações e leis devem ser obtidas do mero naturalismo.

O que Nós dissemos, e estamos para dizer, deve ser entendido com respeito à seita dos Maçons tomada genericamente, e tanto quanto ela compreende as associações aparentadas a ela e confederadas com ela, mas não dos seus membros individuais. Pode haver pessoas entre eles, e não poucos que, embora não livres da culpa de terem se enleado em tais associações, ainda assim não são eles mesmos parceiros em seus atos criminosos nem conscientes do objetivo último que eles estão se esforçando por alcançar. Do mesmo modo, algumas das sociedades afiliadas, talvez, de modo algum aprovem as conclusões extremas que eles iriam, se consistentes, abraçar como consequências necessárias de seus princípios comuns, se a sua própria maldade não os enchesse de horror. Alguns deles, novamente, são levados pelas circunstâncias dos tempos e lugares ou a visar coisas menores do que os outros normalmente tentam ou do que eles mesmos desejariam tentar. Eles não devem, entretanto, por esta razão, ser considerados como estranhos à federação maçônica; porque a federação maçônica deve ser julgada não tanto pelas coisas que ela tem feito, ou concluído, quanto pela soma de suas opiniões pronunciadas.

Agora, a doutrina fundamental dos naturalistas, que eles tornam suficientemente conhecida em seu próprio nome, é que a natureza humana e a razão humana deveria em todas as coisas ser senhora e guia. Eles ligam muito pouco para os deveres para com Deus, ou os pervertem por opiniões errôneas e vagas. Pois eles negam que qualquer coisa tenha sido ensinada por Deus; eles não permitem qualquer dogma de religião ou verdade que não possa ser entendida pela inteligência humana, nem qualquer mestre que deva

ser acreditado por causa de sua autoridade. E desde que é o dever especial e exclusivo da Igreja Católica estabelecer completamente em palavras as verdades divinamente recebidas, ensinar, além de outros auxílios divinos à salvação, a autoridade de seu ofício, e defender a mesma com perfeita pureza, é contra a Igreja que o ódio e o ataque dos inimigos é principalmente dirigido.

Nos assuntos a respeito de religião que se veja como a seita dos Maçons age, especialmente aonde ela é mais livre para agir sem barreiras, e então que qualquer um julgue se realmente ela não deseja executar a política dos naturalistas. Por um longo e perseverante labor, eles esforçam-se para alcançar este resultado - especificamente, que o ofício de ensinar e a autoridade da Igreja tornem-se sem valor no Estado civil; e por esta mesma razão eles declaram ao povo e argumentam que a Igreja e o Estado devem ser completamente desunidos. Por este meio eles rejeitam das leis e da nação a saudável influência da religião Católica; e eles consequentemente imaginam que os Estados devem ser constituídos sem qualquer consideração pelas leis e preceitos da Igreja.

Nem eles pensam ser suficiente desconsiderar a Igreja - a melhor das guias - mas eles também a ferem por sua hostilidade. Realmente, para eles está dentro da lei atacar com impunidade as próprias fundações da religião Católica, em palavra, em escritos e em ensinamentos; e até os direitos da Igreja não são poupados, e os ofícios com os quais ela é divinamente investida não estão seguros. A mínima liberdade possível para administrar os assuntos é deixada à Igreja; e isto é feito por leis aparentemente não muito hostis, mas na realidade armadas e ajustadas para dificultar a liberdade de ação. Ainda mais, Nós vemos leis excepcionais e opressivas impostas sobre o clero, a fim de que eles possam ser continuamente diminuídos em número e meios necessários. Nós também vemos os remanescentes das possessões da Igreja restringidos pelas mais estritas condições, sujeitados ao poder e ao desejo arbitrário dos administradores do Estado, e as ordens religiosas reviradas e espalhadas.

Mas contra a sé apostólica e o Pontífice Romano a contenda destes inimigos tem sido por um longo tempo dirigida. O Pontífice foi primeiro, por razões sem substância, atirado para fora da proteção de sua liberdade e de seu direito, o principado civil; logo, ele foi injustamente forçado em uma

condição que era insuportável por causa das dificuldades levantadas de todos os lados; e agora o tempo chegou em que os *partisans* (guerrilheiros) da seita abertamente declaram, o que em segredo entre eles mesmos eles têm por um longo tempo planejado, que o poder sagrado dos Pontífices deve ser abolido, e que o próprio Papado, fundado por direito divino, deve ser totalmente destruído. Se outras provas fossem desejadas, este fato seria suficientemente revelado pelo testemunho de homens informados, dos quais alguns em outros tempos, e outros recentemente, declararam ser verdadeiro a respeito dos Maçons que eles desejam especialmente atacar violentamente a Igreja com irreconciliável hostilidade, e que eles nunca descansarão até que eles tenham destruído o que quer que os supremos Pontífices tenham estabelecido como religião.

Se aqueles que são admitidos como membros não são ordenados a abjurar por quaisquer palavras as doutrinas Católicas, esta omissão, muito longe de ser adversa aos desígnios dos Maçons é mais útil para os seus propósitos. Primeiro, deste modo eles facilmente enganam os ingênuos e os incautos, e podem induzir um número muito maior a se tornarem membros. Novamente, como todos que se oferecem são recebidos qualquer que possa ser sua forma de religião, eles deste modo ensinam o grande erro desta época - que uma consideração por religião deveria ser tida como assunto indiferente, e que todas as religiões são semelhantes. Este modo de raciocinar é calculado para trazer a ruína de todas as formas de religião, e especialmente da religião Católica, que, como é a única que é verdadeira, não pode, sem grande injustiça, ser considerada como meramente igual às outras religiões.

Mas os naturalistas vão muito mais longe; pois, tendo, nas mais altas coisas, entrado em um curso completamente errôneo, eles são levados impetuosamente a extremos, ou por causa da fraqueza da natureza humana, ou porque Deus inflige sobre eles a justa punição do seu orgulho. Assim acontece que eles não mais consideram como certas e permanentes aquelas coisas que são totalmente entendidas pela luz natural da razão, tais como certamente são - a existência de Deus, a natureza imaterial da alma humana, e sua imortalidade. A seita dos Maçons, por uma similar trilha de erro, é exposta a estes mesmos perigos; pois, embora de um modo geral eles possam professar a existência de Deus, eles mesmos são testemunhas que

eles não mantém todos esta verdade com total concordância da mente e com uma firme convicção. Nem eles escondem que esta questão sobre Deus é a maior fonte e causa de discórdias entre eles; de fato, é certo que uma discussão considerável sobre este mesmo assunto existiu entre eles muito recentemente. Mas, realmente, a seita permite grande liberdade aos seus membros juramentados por voto, de modo que para cada lado é dado o direito de defender a sua própria opinião, ou de que há um Deus, ou de que não há nenhum; e aqueles que obstinadamente argumentam que não há nenhum Deus são tão facilmente iniciados como aqueles que argumentam que Deus existe, embora, como os panteístas, eles tenham falsas noções acerca d'Ele: tudo que não é nada mais do que retirar a realidade, retendo algumas absurdas representações da natureza divina.

Quando esta maior e fundamental verdade foi derrubada ou enfraquecida, segue que aquelas verdades, também, que são conhecidas pelo ensinamento da natureza devem começar a cair — especificamente, que todas as coisas foram feitas pelo livre desejo de Deus o Criador; que o mundo é governado pela Providência; que as almas não morrem; que a esta vida dos homens sobre a terra sucederá outra em uma vida eterna.

Quando estas verdades forem eliminadas, as quais são os princípios da natureza e importantes para o conhecimento e para o uso prático, é fácil de ver o que irá ser da moralidade pública e privada. Nós não dizemos nada daquelas virtudes mais celestiais, as quais ninguém pode exercer ou mesmo adquirir sem um especial dom e graça de Deus; das quais necessariamente nenhum traço pode ser encontrado naqueles que rejeitam como desconhecida a redenção da humanidade, a graça de Deus, os sacramentos, e a felicidade a ser obtida no céu. Nós falamos agora dos deveres que têm a sua origem na retidão natural. Que Deus é o Criador do mundo e seu providente Governador; que a lei eterna exige que a ordem natural seja mantida, e proíbe que ela seja perturbada; que o fim último do homem é um destino muito acima das coisas humanas e além desta parada sobre a terra: estas são as fontes e estes são os princípios de toda justiça e moralidade.

Se eles forem removidos, como os naturalistas e Maçons desejam, imediatamente não haverá nenhum conhecimento quanto ao que constitui justiça e injustiça, ou sobre qual princípio a moralidade é fundada. E, em

verdade, o ensinamento de moralidade que exclusivamente encontra o favor da seita dos Maçons, e em que eles argumentam que os jovens deveriam ser instruídos, é o que eles chamam “civil”, e “independente”, e “livre”, especificamente, aquele que não contém qualquer crença religiosa. Mas, quão insuficiente tal ensinamento é, quanto deixa a desejar em firmeza, e quão facilmente movido por cada impulso da paixão, é suficientemente provado por seus tristes frutos, que já começaram a aparecer. Pois, aonde quer que, removendo a educação Cristã, este ensinamento começou a reinar mais completamente, aí a bondade e integridade da moral começou rapidamente a perecer, monstruosas e vergonhosas opiniões têm crescido, e a audácia dos atos malignos tem se elevado a um alto grau. Tudo isso é comumente lamentado e deplorado; e não poucos daqueles que de modo algum desejam fazê-lo são compelidos pela abundância de provas a dar não infrequentemente o mesmo testemunho.

Ainda mais, a natureza humana foi manchada pelo pecado original, e é portanto mais disposta ao vício do que à virtude. Pois uma vida virtuosa é absolutamente necessária para restringir os movimentos desordenados da alma, e para fazer as paixões obedientes à razão. Neste conflito as coisas humanas devem frequentemente ser desprezadas, e os maiores trabalhos e durezas devem ser executados, de modo que a razão possa sempre manter o seu domínio. Mas os naturalistas e Maçons, não tendo fé naquelas coisas que nós aprendemos pela revelação de Deus, negam que nossos primeiros pais tenham pecado, e consequentemente pensam que o livre desejo não é de modo algum enfraquecido e inclinado ao mal[32]. Pelo contrário, exagerando bastante o poder e a excelência da natureza, e colocando somente ali o princípio e regra da justiça, eles não podem nem mesmo imaginar que haja qualquer necessidade de uma constante luta e uma perfeita firmeza para dominar a violência e governo de nossas paixões.

Por isso nós vemos que homens são publicamente tentados pelos muitos encantamentos do prazer; que há jornais e panfletos sem moderação nem vergonha; que peças de teatro são notáveis pela licenciosidade; que desenhos para obras de arte são de uma maneira desavergonhada buscados nas leis de um assim chamado realismo; que os planos de uma vida fácil e delicada são cuidadosamente elaborados; que todas as seduções do prazer são diligentemente buscadas pelas quais a virtude possa ser ninada até

adormecer. Depravadamente, também, mas ao mesmo tempo de um modo bastante consistente, fazem aqueles atos que eliminam a expectativa das alegrias do céu, e trazem para baixo toda a felicidade para o nível da mortalidade, e, de fato, a afundam na terra. Do que Nós dissemos o seguinte fato, estarrecedor não tanto por si mesmo quanto em sua aberta expressão, pode servir como confirmação. Pois, uma vez que geralmente ninguém está acostumado a obedecer homens hábeis e inteligentes tão submissamente como aqueles cuja alma está enfraquecida e quebrada pelo domínio das paixões, tem havido na seita dos Maçons alguns que têm simplesmente determinado e proposto que, engenhosamente e de propósito estabelecido, a multidão deveria ser saciada com uma licença sem limite para o vício, pois, quando isso tivesse sido feito, ela iria facilmente cair sob o seu poder e autoridade para quaisquer atos de audácia.

Quanto ao que se refere à vida doméstica nos ensinamentos dos naturalistas é quase tudo contido nas seguintes declarações: que o casamento pertence ao gênero dos contratos humanos, que pode ser legalmente revogado pelo desejo daqueles que o fizeram, que os governadores civis do Estado têm poder sobre o laço matrimonial; que na educação dos jovens nada deve ser ensinado em matéria de religião como opinião certa e fixada; e cada um deve ser deixado livre para seguir, quando chegar à idade, qualquer que ele preferir. Os Maçons concordam completamente com estas coisas; e não somente concordam, mas têm longamente esforçado-se para transformá-las em lei e instituição. Pois em muitos países, e aqueles nominalmente Católicos, é estabelecido que nenhum casamento deve ser considerado legal a não ser aqueles contraídos pelo rito civil; em outros lugares a lei permite o divórcio; e em outros todos os esforços são feitos para torná-lo legal tão logo quanto possível. Portanto, o tempo está rapidamente se aproximando em que os casamentos vão ser tornados em outro tipo de contrato - ou seja em uniões mutáveis e incertas que um capricho pode unir, e que do mesmo modo quando se modificar pode desunir.

Com a maior unanimidade a seita dos Maçons também esforça-se para tomar a si mesma a educação da juventude. Eles pensam que eles podem facilmente moldar às suas opiniões aquela idade macia e maleável, e torcê-la no que quer que eles desejem; e que nada pode ser mais adequado do que

isto para permitir a eles levar a juventude do Estado a seguir seu próprio plano. Portanto, na educação e instrução de crianças eles não permitem qualquer participação, quer no ensinamento ou na disciplina, aos ministros da Igreja; e em muitos lugares eles têm procurado obter que a educação dos jovens esteja exclusivamente nas mãos de leigos, e que nada que trate dos mais importantes e mais sagrados deveres dos homens para com Deus deva ser introduzido na instrução sobre moral.

E ainda há as suas doutrinas sobre política, em que os naturalistas decretam que todos os homens têm o mesmo direito, e são em todos os aspectos da mesma e igual condição; que cada um é naturalmente livre; que nenhum tem o direito de comandar a outrem; que é um ato de violência requerer que homens obedeçam qualquer autoridade outra que aquela que é obtida deles mesmos. De acordo com isto, portanto, todas as coisas pertencem ao povo livre; o poder é exercido pela ordem ou permissão do povo, de modo que, quando o desejo do povo muda, os governantes podem ser legalmente depostos e a fonte de todos os direitos e deveres civis está ou na multidão ou na autoridade governante quando esta é constituída de acordo com as últimas doutrinas. É sustentado também que o Estado deve ser sem Deus; que nas várias formas de religião não há razão pela qual uma devesse ter precedência sobre outra; e que todas elas devem ocupar o mesmo lugar.

Que estas doutrinas são igualmente aceitáveis aos Maçons, e que eles desejariam constituir Estados de acordo com este exemplo e modelo, é excessivamente bem conhecido para requerer prova. Por algum tempo eles tem abertamente esforçado-se para tornar isto realidade com toda a sua força e recursos; e deste modo eles preparam o caminho para não poucos homens audaciosos que estão se apressando a fazer até as piores coisas, em seu esforço para obter igualdade e comunhão de todos os bens pela destruição de todas as distinções de título e propriedade.

O que, portanto, a seita dos Maçons é, e que trilha ela persegue, aparece suficientemente do sumário que Nós resumidamente demos. Seus dogmas principais estão tão grandemente e manifestamente apartados da razão que nada pode ser mais perverso. Desejar destruir a religião e a Igreja que o próprio Deus estabeleceu, e cuja perpetuidade Ele assegura por Sua

proteção, e trazer após um lapso de dezoito séculos as maneiras e costumes dos pagãos, é notável insensatez e audaciosa impiedade. Nem é menos horrível nem mais tolerável que eles repudiem os benefícios que Jesus Cristo tão misericordiosamente obteve, não somente para os indivíduos, mas também para as famílias e a sociedade civil, benefícios os quais, mesmo de acordo com o julgamento e testemunho de inimigos da Cristandade, são muito grandes. Nesta empreitada insana e pervertida nós quase podemos ver o ódio implacável e o espírito de vingança com o qual o próprio Satanás está inflamado contra Jesus Cristo. – Do mesmo modo o estudado esforço dos Maçons para destruir as principais fundações da justiça e honestidade, e para cooperar com aqueles que desejarem, como se fossem meros animais, fazer o que eles quiserem, tende somente para a ignominiosa e desgraçada ruína do gênero humano.

O mal, também, é agravado pelos perigos que ameaçam a sociedade doméstica e civil. Como Nós demonstramos, no matrimônio, de acordo com a crença de quase todas nações, há algo sagrado e religioso; e a lei de Deus determinou que os matrimônios não devam ser dissolvidos. Se eles forem desprovidos do seu caráter sagrado, e feitos dissolúveis, problemas e confusão na família serão o resultado, a esposa sendo despojada de sua dignidade e as crianças deixadas sem proteção quanto aos seus interesses e bem-estar. Não ter nos assuntos públicos qualquer cuidado pela religião, e nos arranjos e administração dos assuntos civis não ter maior consideração para com Deus do que se Ele não existisse, é uma imprudência desconhecida dos próprios pagãos; pois em seus corações e almas a noção de uma divindade e a necessidade de uma religião pública estavam tão firmemente estabelecidas que eles teriam pensado ser mais fácil ter uma cidade sem fundamentos do que uma cidade sem Deus. A sociedade humana, para a qual nós verdadeiramente por natureza somos formados, foi constituída por Deus, o Autor da natureza; e d’Ele, como de seu princípio e fonte, fluem em toda a sua força e permanência os incontáveis benefícios com os quais a sociedade abunda. Como todos e cada um de nós somos admoestados pela própria voz da natureza para cultuar a Deus em piedade e santidade, como o Doador da vida e de tudo que é bom nela, do mesmo modo e pela mesma razão, nações e Estados estão obrigado a cultuá-lo; e portanto é claro que aqueles que querem absolver a sociedade de todos

os deveres religiosos agem não só injustamente mas também com ignorância e insensatez.

Como os homens são pela vontade de Deus nascidos para a união civil e sociedade, e como o poder de governar é um elo de união tão necessário à sociedade que, se ele é retirado, a sociedade necessariamente e imediatamente se desfaz, segue que d'Ele que é o Autor da sociedade veio também a autoridade de governar; assim quem quer que governe, é ministro de Deus. Portanto, como o fim e a natureza da sociedade humana requerem, é correto obedecer às justas ordens da autoridade legal, como é correto obedecer a Deus que governa todas as coisas; e é extremamente falso que o povo tenha como um poder jogar de lado sua obediência quando quer que lhe agrade.

De maneira semelhante, ninguém duvida que todos os homens são iguais uns aos outros, tanto quanto se refere à sua origem e natureza comuns, ou o fim último que cada um deve atingir, ou os direitos e deveres que são daí derivados. Mas, como as habilidades de todos não são iguais, como um difere do outro nos poderes da mente e do corpo, e como há realmente muitas dessemelhanças de maneiras, disposição, e caráter, é extremamente repugnante à razão esforçar-se por confinar todos dentro da mesma medida, e estender completa igualdade às instituições da vida civil. Assim como uma perfeita condição do corpo resulta da conjunção e composição de seus vários membros, os quais, embora diferindo em forma e propósito, fazem, por sua união e distribuição de cada um em seu próprio lugar, uma combinação bela para ser mantida, firme em força, e necessária para o uso; desse modo, na comunidade, há uma quase infinita dessemelhança de homens, como partes do todo. Se eles devem ser todos iguais, e cada um deve seguir seu próprio desejo, o Estado vai aparecer extremamente deformado; mas se, com uma distinção de graus de dignidade, de ocupações e empregos, todos habilmente cooperarem para o bem comum, eles irão apresentar a imagem de um Estado bem constituído e conformado à natureza.

Agora, dos perturbantes erros que Nós temos descrito os maiores perigos para os Estados devem ser temidos. Pois, sendo retirados o temor a Deus e a reverência pelas leis divinas, sendo desprezada a autoridade dos governantes, a sedição permitida e aprovada, e as paixões populares

exacerbadas até o desprezo pela lei, sem qualquer freio a não ser o castigo, uma mudança e derrubada de todas as coisas necessariamente seguirá. Sim, esta mudança e derrubada é deliberadamente planejada e colocada em curso por várias associações de comunistas e socialistas; e aos seus propósitos a seita dos Maçons não é hostil, mas favorece grandemente seus desígnios, e tem em comum com eles suas principais opiniões. E se estes homens não se esforçam imediatamente e em todo lugar para levar à frente seus pontos de vista extremos, isso não deve ser atribuído ao seu ensinamento e sua vontade, mas à virtude daquela divina religião que não pode ser destruída; e também porque a parte mais sólida dos homens, recusando-se a ser escravizada às sociedades secretas, vigorosamente resiste às suas insanas tentativas.

Se todos os homens julgassem a árvore pelo seu fruto, e reconhecessem a semente e origem dos males que nos pressionam, e dos perigos que estão nos ameaçando! Nós temos que lidar com um inimigo enganoso e habilidoso, que, gratificando os ouvidos do povo e dos príncipes, os tem enleado por falas macias e por adulação. Entrando nas boas graças dos governantes sob a alegação de amizade, os Maçons têm se esforçado para fazê-los seus aliados e poderosos auxiliadores para a destruição do nome Cristão; e para que eles possam mais fortemente pressioná-los, eles têm, com determinada calúnia, acusado a Igreja de maliciosamente contender com os governantes em assuntos que afetam a sua autoridade e soberano poder. Tendo, por estes artifícios, assegurado a sua própria segurança e audácia, eles começaram a exercer grande peso no governo dos Estados: mas, entretanto, estão preparados para sacudir as fundações de impérios, para perturbar os governantes do Estado, para acusá-los, e para expulsá-los, tão frequentemente quanto eles aparentam governar de modo diferente do que eles próprios poderiam ter desejado. De modo semelhante, eles têm por falsos elogios iludido o povo. Proclamando com uma alta voz a liberdade e prosperidade pública, e dizendo que era por causa da Igreja e dos soberanos que a multidão não era retirada de sua injusta servidão e pobreza, eles se impuseram sobre o povo, e, excitando-os por uma sede por novidades, eles os pressionaram a assaltar tanto a Igreja quanto o poder civil. Entretanto, a expectativa de benefícios que era esperada é muito maior do que a realidade; realmente, as pessoas comuns, mais oprimidas do que elas eram antes, estão privadas em

sua miséria daquele consolo que, se as coisas tivessem sido arranjadas de um modo Cristão, eles teriam tido com facilidade e em abundância. Mas, quem quer que lute contra a ordem que a Divina Providência constituiu paga usualmente a penalidade por seu orgulho, e encontra-se com a aflição e a miséria quando eles insensatamente esperavam encontrar todas as coisas prósperas e conforme os seus próprios desejos.

A Igreja, se ela dirige os homens a prestar obediência principalmente a acima de tudo a Deus o soberano Senhor, é erradamente e falsamente considerada ou invejosa do poder civil ou de se arrogar algo dos direitos dos soberanos. Pelo contrário, ela ensina que o que é retamente devido ao poder civil deve ser prestado a ele com convicção e consciência de dever. Ensinando que do próprio Deus vem o direito de governar, ela adiciona uma grande dignidade à autoridade civil, e ainda ajuda a obter a obediência e boa intenção dos cidadãos. Amiga da paz e sustentáculo da concórdia, ela abraça a todos com amor maternal, e, intencionando apenas auxiliar o homem mortal, ela ensina que à justiça deve ser ajuntada a clemência, equidade à autoridade, e moderação à legislação; que o direito de ninguém pode ser violado; que a ordem e a tranquilidade pública devem ser mantidas e que a pobreza daqueles que estão em necessidade deve, tanto quanto possível, ser aliviada pela caridade pública e privada. “Mas por esta razão”, para usar as palavras de Sto. Agostinho, “os homens pensam, ou gostariam de acreditar, que o ensinamento Cristão não é adequado para o bem do Estado; pois eles desejam que o Estado seja fundado não em sólida virtude, mas na impunidade do vício”. Sabendo destas coisas, os príncipes e o povo agiriam com sabedoria política[33], e de acordo com as necessidades da segurança geral, se, ao invés de juntar-se aos Maçons para destruir a Igreja, eles se juntassem à Igreja para repelir os seus ataques.

O que quer que o futuro possa ser, neste grave e difundido mal é Nosso dever, Veneráveis Irmãos, esforçar-nos por encontrar um remédio. E porque Nós sabemos que a Nossa melhor e mais firme esperança de um remédio está no poder daquela divina religião que os Maçons odeiam em proporção ao seu medo dela, Nós pensamos ser de capital importância chamar esse grande poder salvífico em Nosso auxílio contra o inimigo comum. Portanto, tudo que os Pontífices Romanos Nossos predecessores decretaram com o propósito de opor-se aos projetos e esforços da seita maçônica, e tudo que

eles tenham legislado quanto à entrada ou saída de homens de sociedades deste tipo, Nós ratificamos e confirmamos completamente pela nossa autoridade apostólica: e confiando grandemente na boa intenção dos Cristãos, Nós rogamos e imploramos a cada um, pela sua salvação eterna, para ser o mais conscienciosamente cuidadoso para não divergir o mínimo que seja daquilo que a sé apostólica tem ordenado neste assunto.

Nós rogamos e imploramos a vós, Veneráveis Irmãos, a juntar os vossos esforços com os Nossos, e esforçadamente lutar pela extirpação desta praga maligna, que está se esgueirando através das veias do corpo da política. Vós deveis defender a glória de Deus e a salvação do vosso próximo; e com o objetivo de vosso combate à vossa frente, nem coragem nem força irão faltar. Será por vossa prudência que julgareis por quais modos vós podeis melhor sobrepujar as dificuldades e obstáculos com os quais vos encontrardes. Mas, como pertence à autoridade de Nosso ofício que Nós mesmos apontemos algumas maneiras apropriadas de procedimento, Nós desejamos que o vosso primeiro ato seja arrancar a máscara da Maçonaria, e deixar que ela seja vista como realmente é; e por sermões e cartas pastorais instruir o povo quanto aos artifícios usado pelas sociedades deste tipo para seduzir os homens e persuadi-los a entrar em suas fileiras, e quanto à perversidade de suas ações e à maldade de seus atos. Como Nossos predecessores por muitas vezes repetiram, que nenhum homem pense que ele possa por qualquer razão que seja ajuntar-se à seita maçônica, se ele dá valor ao seu nome Católico e à sua salvação eterna como ele deveria valorizá-los. Que nenhum seja enganado por uma pretensão de honestidade. Pode parecer a alguns que os Maçons não exigem nada que seja abertamente contrário à religião e à moral; mas, como todo princípio e objetivo da seita está naquilo que é vicioso e criminoso, ajuntar-se com estes homens ou em algum modo ajudá-los não pode ser legítimo.

Além disso, por assíduos ensinamentos e exortações, a multidão precisa ser levada a aprender diligentemente os preceitos da religião; para este propósito Nós encarecidamente recomendamos que por oportunos escritos e sermões lhes sejam ensinados os elementos daquelas sagradas verdades nas quais a filosofia Cristã está contida. O resultado disto será que as mentes dos homens serão fortalecidas pela instrução, e serão protegidas

contra muitas formas de erro e induções à depravação, especialmente na presente liberdade de escrita sem limites e insaciável desejo de aprender.

Grande, realmente, é a obra; mas nela o clero irá compartilhar os vossos trabalhos, se, através de vosso cuidado, eles estiverem à altura disto através do aprendizado e de uma vida bem orientada. Este bom e grande trabalho requer o auxílio também da indústria daqueles entre os leigos em que um amor pela religião e pela pátria existe ao lado da instrução e retidão de vida. Unindo os esforços do clero e dos leigos, batalhai, Veneráveis Irmãos, para fazer os homens conhecer e amar completamente a Igreja; pois, quanto maior o seu conhecimento e amor pela Igreja, mais eles se desviarão das sociedades clandestinas.

Por este motivo, não sem causa Nós usamos esta ocasião para declarar novamente o que nós declaramos em outro lugar, ou seja, que a Ordem Terceira de São Francisco, cuja disciplina Nós algum tempo atrás prudentemente mitigamos[34], deveria ser refletidamente promovida e sustentada; pois todo o objetivo desta Ordem, como constituída por seu fundador, é convidar os homens a uma imitação de Jesus Cristo, a um amor à Igreja, e à observância de todas as virtudes Cristãs; e portanto ela deveria ser de grande influência em suprimir o contágio das sociedades pervertidas. Que, portanto, esta santa irmandade possa ser fortalecida por um crescimento diário. Entre os muitos benefícios a serem esperados disso estará o grande benefício de voltar as mentes dos homens à liberdade, fraternidade e igualdade de direito; não tais como os Maçons absurdamente imaginam, mas tais como Jesus Cristo obteve para o gênero humano e aos quais São Francisco aspirou: a liberdade, Nós queremos dizer, de filhos de Deus, através da qual nós podemos ser livres da escravidão a Satanás ou a nossas paixões, ambos os mais perversos mestres; a fraternidade cuja origem está em Deus, o Criador comum e Pai de todos; a igualdade a qual, fundada na justiça e caridade, não remove todas as distinções entre os homens, mas, das variedades da vida, dos deveres, e das ocupações, forma aquela união e aquela harmonia que naturalmente tende ao benefício e dignidade da sociedade.

Em terceiro lugar, há um assunto sabiamente instituído por nossos ancestrais, mas no decorrer do tempo deixado de lado, que pode agora ser usado como um padrão e forma de algo semelhante. Nós queremos dizer as

associações ou organizações de trabalhadores, para proteger, sob a direção da religião, os seus interesses temporais e a sua moralidade. Se nossos ancestrais, por longa prática e experiência, sentiram o benefício destas associações, nossa época talvez irá senti-lo ainda mais por causa da oportunidade que eles darão de esmagar o poder das seitas. Aqueles que sustentam a si mesmos pelo trabalho de suas mãos, além de serem, pela sua própria condição, mais dignos acima de todos os outros de caridade e consolação, são também especialmente expostos às tentações de homens cujos caminhos estão na fraude e no engano. Portanto, eles devem ser ajudados com a maior bondade possível, a ser convidados a juntar-se a associações que são boas, para que eles não sejam arrastados para outras que são malignas. Por esta razão, Nós grandemente desejamos, pela salvação das pessoas, que, sob os auspícios e patrocínio dos bispos, e em oportunidades convenientes, estas associações possam ser restauradas de uma maneira generalizada. Para Nossa grande alegria, irmandades deste tipo e também associações de mestres já foram estabelecidas em muitos lugares, tendo, cada classe delas, por seu objetivo ajudar os honestos trabalhadores, a proteger e guardar suas crianças e família, e a promover neles a piedade, o conhecimento Cristão, e uma vida moral. E neste assunto Nós não podemos nos omitir de mencionar aquela sociedade exemplar, denominada de acordo com o seu fundador, São Vicente, que tem merecido tanto das classes mais baixas. Seus atos e seus alvos são bem conhecidos. Todo o seu objetivo é dar alívio ao pobre e miserável. Isto ela faz com singular prudência e modéstia; e quanto menos ela deseja ser notada, mais ela se adequa ao exercício da caridade Cristã, e para o alívio dos sofredores.

Em quarto lugar, de modo a mais facilmente atingir o que Nós desejamos, à vossa fidelidade e vigilância Nós recomendamos de um modo especial os jovens, como sendo a esperança da sociedade humana. Devotai a maior parte do vosso cuidado à instrução deles; e não pensai que qualquer precaução possa ser grande o suficiente para mantê-los afastados de mestres e escolas aonde o hálito pestilento das seitas deva ser temido. Sob a vossa direção, deixem os pais, instrutores religiosos, e padres tendo a cura de almas, usar cada oportunidade, em seu ensinamento Cristão, para advertir suas crianças e pupilos da natureza infame destas sociedades, para que eles possam aprender em bom tempo a terem cuidado com os variados e fraudulentos artifícios

pelos quais seus promotores costumam laçar as pessoas. E aqueles que instruem os jovens em conhecimento religioso agirão sabiamente se eles induzirem todos eles a se resolverem e se comprometerem a nunca ligar-se a qualquer sociedade sem o conhecimento de seus pais, ou o conselho de seu padre ou diretor.

Nós bem sabemos, entretanto, que os nossos esforços unidos não serão de modo algum suficientes para arrancar estas sementes perniciosas do campo do Senhor, a menos que o Celestial Mestre da vinha misericordiosamente nos ajude em nossos esforços. Nós precisamos, portanto, com grande e ansioso cuidado, implorar a Ele a ajuda que a grandeza do perigo e da necessidade requer. A seita da Maçonaria mostra-se insolente e orgulhosa de seu sucesso, e parece que ela não colocará limites à sua pertinácia. Seus seguidores, ajuntados por perversos acordos e por conselhos secretos, ajudam-se uns aos outros, e excitam-se uns aos outros a uma audácia nas coisas malignas. Um ataque tão veemente exige uma igual defesa — especificamente, que todos os homens de bem formem a mais abrangente associação possível de ação e de oração. Nós imploramos a eles, portanto, com corações unidos, a permanecer unidos e firmes contra as forças das seitas que avançam; e em aflição e súplica estender suas mãos a Deus, orando que o nome Cristão possa florescer e prosperar, que a Igreja possa desfrutar da sua necessária liberdade, que aqueles que se extraviaram possam retornar a uma mente reta, que o erro difundido possa dar lugar à verdade, e o vício à virtude. Tomemos como nossa auxiliadora e intercessora a Virgem Maria, Mãe de Deus, para que ela, que desde o momento de sua concepção derrotou Satanás possa mostrar seu poder sobre estas seitas malignas, nas quais revive o contumaz espírito do demônio, juntamente com sua perfídia insubmissa e enganosa. Imploremos a Miguel, o príncipe dos anjos celestes, que lançou fora o infernal inimigo; e José, o esposo da santíssima Virgem, e patrono celeste da Igreja Católica; e os grandes Apóstolos, Pedro e Paulo, os pais e campeões vitoriosos da fé Cristã. Por seu patrocínio, e pela perseverança na união de oração, Nós esperamos que Deus irá misericordiosamente e oportunamente socorrer o gênero humano, que é rodeado por tantos perigos.

Como garantia dos dons celestes e de Nossa benevolência, Nós amorosamente concedemos no Senhor a vós, Veneráveis Irmãos, e ao clero e todo o povo confiado ao vosso vigilante cuidado, Nossa bênção apostólica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no vigésimo dia de abril de 1884, o sexto ano de Nosso pontificado.

Este livro acabou de ser impresso em 22
de Fevereiro de 2016, na festa da Cátedra
de São Pedro. A fonte utilizada foi Garamond
Pro 12/14, em papel Pólen Soft 80gr.

---

[1] É do interesse da maçonaria internacional, para o fim a que ela se propõe, manter a ordem exterior nos países protestantes, enquanto revoluciona os países católicos. Por aí vemos o que é preciso pensar dos textos entusiastas sobre a superioridade das nações anglo-saxônicas, do sistema americano, etc. Numa revista muito difundida, uma pena ingênua escrevia recentemente, a propósito dos francos-maçons perseguidores: essa filoxera não se pega nas vinhas americanas! Essas declarações são de natureza a tranquilizar, divertindo-os, os chefes das sociedades secretas.

[2] Destruir a Flor de Lys, em alusão à queda da monarquia francesa.

[3] Carbonarismo na Itália, Charbonnerie na França, Tugendhund na Alemanha, Communeros na Espanha.

[4] Já Weishaupt dera aos seus o conselho de se dissimularem, adotando as aparências de sociedades de comerciantes.

[5] Saint-Edme, *Constitution et Organisation des Carbonari* , 2ª edição, p. 197. A "Alta Venda" era a continuação da "Ordem interior" de antes da Revolução.

[6] *Histoire de Dix Ans*, p. 98, 4ª edição.

[7] *Histoire de la Restauration*, t. VII, p. 684.

[8] Edmond Biré na Gazette de France de 1° de abril de 1906.

[9] *Histoire de Dix Ans*, t. II, p. 292 e segtes., 5ª edição, 1846.

[10] Em Nápoles, no século XVII, uma mulher chamada Giulia Toffana preparava cosméticos contaminados com arsênico, ela foi responsável pela morte de centenares de pessoas, entre as quais se citam os Papas Pio III e Clemente XIV. Sua principal preparação era a *acqua toffana* que pela sintomotologia que chegou a nós parece que estava constituído por arsênico e cantáridas; se engarrafava em frascos que mostravam a imagem de algum santo, normalmente São Nicolau de Bari, nome associado a de um manancial cujas águas pareciam ter notáveis propriedades curativas. *REPETTO, Manuel. Toxologia Fundamental.* Diaz de Santos, 1997.

[11] "Se queres saber e aprender coisa útil, deseja ser desconhecido e tido por nada". *Imitação de Cristo* - Tomás de Kempis. L. I, C. I.

[12] San Giovanni in Laterano ou Arquibasílica Papal de São João de Latrão (em latim: Archibasilica Sanctissimi Salvatoris et Sanctorum Iohannes Baptista et Evangelista in Laterano), chamada geralmente apenas de São João de Latrão ou Basílica de Latrão, é a catedral da Diocese de Roma e a Sé episcopal oficial do Papa. É sede da paróquia do Santissimo Salvatore e Santi Giovanni Battista ed Evangelista in Laterano. É a mais antiga e a primeira entre as cinco basílicas papais do mundo e entre as quatro basílicas maiores de Roma (todas elas basílicas papais também), sendo a mais antiga igreja no ocidente.

[13] Expressão latina, traduz-se COMO UM CADÁVER para significar a obediência irrestrita a alguém, da mesma maneira que um corpo morto, sem vontade, está sujeito ao mando alheio.

[14] Pequeno Tigre.

[15] Adeptos da seita.

[16] Conspiração.

[17] Jd. 18

[18] Santo Agostinho, Ep. 43.

[19] 1Pd. 2, 13.

[20] Rm. 3, 14.

[21] De civ. Dei, 14, 28 (PL 41, 436).

[22] Sl 82,2-4.

[23] Const. *In Eminenti*, 24 de Abril de 1738.

[24] Const. *Providas*, 18 de Maio de 1751.

[25] Const. *Ecclesiam a Jesu Christo*, 13 de Setembro de 1821.

[26] Const. dada a 13 de Março de 1825.

[27] Enc. *Traditi*, 21 de Maio de 1829.

[28] Enc. *Mirari*, 15 de Agosto de 1832.

[29] Enc. *Qui Pluribus*, 9 de Novembro de 1846; pronunciamento *Multiplices inter*, 25 de Setembro de 1865. etc.

[30] Clemente XII (1730-40); Bento XIV (1740-58), Pio VII (1800-23); Pio IX (1846-78).

[31] Mt 7,18.

[32] Trid., sess. VI, *De justif*, c. 1. Texto do Concílio de Trento: “tametsi in eis (*sc. Judaeis*) liberum arbitrium minime extinctum esset, viribus licet attenuatum et inclinatum”.

[33] Epistola 137, *ad Volusianum*, c. v, n. 20 (PL 33, 525).

[34] (17 de setembro de 1882), na qual o Papa Leão XIII tinha recentemente glorificado São Francisco de Assis por ocasião do sétimo centenário de seu nascimento. Nesta encíclica, o Papa apresentou a Ordem Terceira de S. Francisco como uma resposta Cristã aos problemas sociais da época. A constituição *Misericors Dei filius* (23 de junho de 1883) expressamente relembrou que a negligência com a qual as virtudes Cristãs são tidas é a causa principal dos males que ameaçam as sociedades. Confirmando a regra da Ordem Terceira e adaptando-a às necessidades dos tempos modernos, o Papa Leão XIII intencionava trazer de volta o maior número possível de almas à prática destas virtudes.